



pentagrama

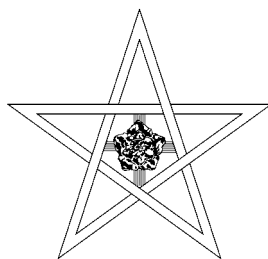
Lectorium Rosicrucianum



Como foi preparada a colheita
Uma rosa não pergunta por quê
O graal e o cavalo
O que é o medo?
"Não tenho uma alma...!", dizia ele
Sete visões para um caminho espiritual
Ahura Mazda, o criador incriado

2013

NÚMERO 3

**Editores responsáveis**

J.R. Ritman, T. van Rooij

Editor sênior

A.H.v.d. Brul

Linha editorial

P. Huis

Imagem

W.v.d. Brul

Redatores

K. Bode, W.v.d. Brul, A. Gerrits,
H. v. Hooreweeghe, H.P. Knevel, F.
Spakman, A. Stokman-Griever, G. Uljée

Secretaria

K. Bode, G. Uljée

Redação

Pentagram
Maartensdijkseweg 1
NL-3723 MC Bilthoven, Países Baixos
e-mail: info@rozekruispers.com

Edição brasileira

Pentagrama Publicações
www.pentagrama.org.br

Administração, assinaturas e vendas

Pentagrama Publicações
C.Postal 39 13.240-000 Jarinu, SP
livros@pentagrama.org.br
assinaturas@pentagrama.org.br
Assinatura anual: R\$ 80,00
Número avulso: R\$ 16,00
Números de anos anteriores R\$ 8,00

Responsável pela Edição Brasileira

M.D.E. de Oliveira

Coordenação, tradução e revisão

J.C. de Lima, N. Soliz, J.Jesus, S.P. Cachemaille, M.M.R.
Leite, L.M. Tuacek, L.A.Nepomuceno, M.B.P. Timóteo,
M.V. Mesquita de Sousa, M.R.M.Moraes, M.L.B. da Mota,
R.D. Luz, F. Luz, R.J. Araújo, U.B.Schmid, J.A.Reis

Diagramação, capa e interior

D.B. Santos Neves

Lectorium Rosicrucianum**Sede no Brasil**

Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo - SP
Tel. & FAX: (11) 3208-8682
www.rosacruzauarea.org.br
info@rosacruzauarea.org.br

Sede em Portugal

Travessa das Pedras Negras, 1, 1º, Lisboa
www.rosacruzlectorium.org
escola@rosacruzauarea.org

© Stichting Rozekruis Pers
Proibida qualquer reprodução sem
autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253

Revista Bimestral da Escola Internacional da Rosacruz Áurea Lectorium Rosicrucianum

A revista **Pentagrama** dirige a atenção de seus leitores para o desenvolvimento da humanidade nesta nova era que se inicia.

O pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele é também o símbolo do Universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, está no caminho da transfiguração.

A revista **Pentagrama** convida o leitor a operar essa revolução espiritual em seu próprio interior.

pentagrama

ano 35 2013 número 3

Visões do mundo O homem moderno está no mercado do mundo. Certa agitação ainda o movimenta: uma imagem, um odor, uma memória, mas a impressão permanece vaga, sem direção precisa. Ele vê um mundo de medo, mas será o seu? Felizmente não, o medo está longe. Há uma visão econômica do mundo, uma visão militar: *Shock and wave*, violência e terror, são o seu mundo? Em qual deles estaria a solução? Quanto ao mundo do dinheiro, das finanças, poderia ser esse o seu mundo? Ele sabe que aí tudo é pior do que se pode imaginar. Há igualmente o mundo do meio ambiente e da ecologia, cheio de interesses! Contudo, o universo silencioso das plantas permanece fechado para ele. O homem, infelizmente, não pode senão causar-lhe danos. Existe a paleta multicolor do mundo puro dos animais. Mas sua pureza desapareceu, pois o homem degrada tudo o que toca. Aquilo que ele tenta melhorar torna-se risível e reflete a imperfeição de suas intenções. Há o mundo da ação: o homem quer empreender e realizar operações de grande envergadura. Porém, falta-lhe o verdadeiro saber. O que ele realiza hoje torna-se, logo em seguida, incompreensível, sim, até mesmo errado. Dizem alguns que “não existe religião superior à verdade”, mas o que é a verdade?

Outros afirmam: “Jesus salva”, ou ainda: “Não existe outro deus senão Alá, ele é perfeito...” Enquanto isso, no mercado do mundo, o homem continua a procurar... Ele olha, mas será que ele vê? O que pode ele ver através da veste de carne? Será que ele vê o mundo tal como é? E quantos mundos existem? Quererá ele vê-los? Ah, não sei! Existe apenas meu foro interior onde eu O encontro. Eu observo, eu sondo, descubro o brilho em seus olhos e reconheço. Eu aquiesço, sou como Ele.

E sempre espero
o Único
o misericordioso
o infinito



Zhang Xiaogang, Ameixeira em flor, óleo sobre tela, 2011

a natureza da verdadeira visão
como foi preparada a colheita 3
visões do mundo 8-9, 16-17,
30-31, 44-45, 50
diretrizes para a vida diária
uma rosa não pergunta por quê 10
o graal e o cavalo 18
assim dizia minha avó... 26
“Não tenho uma alma... !”, dizia ele
“Não apenas uma, mas duas!” 27
os sete cursos do tempo 32
o caminho da alma para livrar-se
do medo 37
sete visões para um caminho
espiritual 46
ahura-mazda 52

como foi preparada a colheita

J. van Rijckenborgh

Diz-se que as manifestações e atividades da Gnosis ocorrem periodicamente. Analisando melhor tal fenômeno, descobrimos, quase de imediato, que a Gnosis, na verdade, nunca deixou o mundo e a humanidade, mas que apenas ocorreu uma adaptação de suas manifestações e atividades à forma de vida e ao comportamento da humanidade através dos séculos. A necessidade de tais mudanças torna-se imediatamente clara quando se tem em vista que o estado de alma e a consciência da humanidade, bem como sua capacidade de reação, algumas vezes mudam profundamente ao longo de um século.

Essas notáveis modificações são causadas por correntes magnéticas que circulam periodicamente. Elas fazem que nosso planeta, de tempos em tempos, transite por outro campo magnético. Devido à respiração magnética, da qual qualquer criatura vive e existe, todo o reino natural – desde o reino mineral, passando pelo vegetal e animal, até o humano – vê-se obrigado a reagir a esse campo. O Universo inteiro é uma única estrutura de sistemas estelares interdependentes, maiores ou menores, que conseqüentemente, atuam em conjunto. É como se todo esse organismo gigantesco fosse conduzido por correntes magnéticas.





J. van Rijckenborgh e Catharose de Petri são os fundadores da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea. Nessa escola, utilizando-se muitas vezes de textos originais da doutrina universal, eles explicaram de várias maneiras a senda da libertação da alma aos alunos, tendo sido um exemplo para eles, pois além de estudar seriamente a senda, realizaram-na em suas vidas.

Colheita de cereais na Índia. © Yann, Fotografia com permissão da commons.wikimedia.org



“O que foi, isso é o que há de ser. Já foi nos séculos passados, que foram antes de nós.”

Elas dirigem, portanto, a marcha da humanidade, tudo o que acontece ou deixa de acontecer, como se fossem um sistema único e complicado de ponteiros maiores e menores. Para cada um de nós deve estar claro que os servidores da Gnosis deverão contar com a mudança dessas energias ou correntes eletromagnéticas se quiserem colher resultados práticos em sua luta por encontrar almas perdidas e impeli-las ao renascimento.

Quem se orienta pela objetividade não ignora que um campo magnético, no qual um ser humano respira em determinado momento, provoca profundas transformações em todo o sistema de sua personalidade. Isso acontece, em primeiro lugar, no centro da alma e, portanto, nos três aspectos do ego, isto é, o desejo, a vontade e o pensamento, que determinam todas as ações do ser humano. Suponhamos que o nosso planeta entre em outra esfera de influência magnética: então, todas as raças, todos os povos e todos os homens reagirão a ela. No início, irrompe um período muito caótico; porém, em meio à avalanche de acontecimentos e reações, logo será descoberta certa relação entre eles. O rebanho humano será guiado para outros prados. Inicialmente haverá, de um lado, protesto, resistência, luta; de outro, a atividade dos pioneiros. Vemos então como esse jogo é realizado em todos os patamares da cultura e da vida. Pessoas com inclinações literárias e filosóficas escrevem grossos volumes sobre uma antiga direção, a qual é preciso abandonar,

e sobre uma nova que, com gestos convidativos, busca a aceitação da humanidade. No entanto, não há nada para pedir ou buscar, e ninguém precisa refletir, pois se trata somente do surgimento de uma nova condição, em consequência da qual todo ser humano terá seu inteiro estado de ser transformado.

Pesquisai com empenho a história mundial e frequentemente ireis defrontar-vos com toda essa confusão e agitação, devido à constante mudança dos prados. A cada vez, tudo parece novo, mas não é! “O que foi, isso é o que há de ser. Já foi nos séculos passados, que foram antes de nós.” Conheceis estas palavras do Pregador.

Agora podemos perceber claramente a atuação mundial dos servidores da Gnosis. Dissemo-vos que, devido à sucessão periódica na intensidade dos campos magnéticos, é inevitável que haja mudanças de alma e, por conseguinte, mudanças de consciência. Por exemplo, quase todos os dias nossa mentalidade é diferente, e também seu funcionamento. Pode-se dizer que nossa receptividade à Gnosis também é diferente a cada dia, até que a alma possa renascer completamente na Gnosis. Nesse contexto, é preciso dizer que a capacidade de assimilação da alma natural e do ego que dela se origina, está sujeita a todo tipo de ascensão e queda devido às causas já mencionadas. Portanto, pode acontecer que a Gnosis desapareça da vida de uma pessoa e até que esta perca completamente a lembrança dessa força curadora.

O que aconteceu? A Gnosis e sua corrente da graça continuam as mesmas, somente o homem mudou em função da mencionada influência magnética. O que chamamos de Gnosis é uma plenitude de radiações também magnéticas que, contudo, provêm de outro Universo, frequentemente chamado na linguagem sagrada de “o reino”, o reino de Deus que não pertence à nossa natureza. Deve-se distinguir, portanto, dois sistemas magnéticos, cada qual com seu próprio processo de circulação: o da Gnosis e o da nossa natureza.

No ponto de encontro desses dois processos há momentos em que entidades ou forças de um sistema podem declarar-se um ao outro. Momentos, portanto, em que o ser anelante, o buscador, pode aproximar-se da Gnosis por meio da transfiguração, apreendê-la e adentrar a sua realidade. No entanto, se ele não aproveitar essas possibilidades, elas passarão, pois as radiações magnéticas irão afastar-se novamente.

Após esta introdução, se lançarmos um olhar retrospectivo sobre nossa história, descobriremos que, por volta dos séculos 12 e 13, chegou ao fim um desenvolvimento de um forte impulso gnóstico, que durou praticamente desde o início da nossa era e resultou em uma colheita de milhares de almas.

Nesse período, o inimigo clássico da Gnosis causou inúmeros derramamentos de sangue, tão devastadores e terríveis que dificilmente podemos imaginar. Mas conservai em vossa

consciência que o fogo gnóstico demonstrou ser inextinguível. Quando o archote da nova luz era pisoteado em um lugar, no mesmo momento ele era aceso em outro local, para, após alguns anos, tornar a ser inflamado no antigo lugar. Por isso, de forma alguma devemos adotar a posição de que a Gnosis precisou suspender seu trabalho no mundo por causa dos massacres perpetrados contra os cátaros pelo Papa Inocêncio III e suas hordas. O trabalho gnóstico entrou em recesso por razões muito diferentes. Devemos levar em conta o fato de que todos os éons magnéticos desta natureza prepararam-se para levar a humanidade a um novo nadir: o nadir do individualismo exacerbado, da maior densificação do corpo racial, do extremo endeusamento do materialismo. Talvez seja do conhecimento de todos os efeitos desse declínio nas esferas material e refletora, efeitos que perduram até este momento. Por essas razões, o impulso gnóstico precisou suspender sua atividade, pois não conseguia aprofundar-se em sua descida além do que já havia feito. Ele teve de esperar por tempos mais adequados, que certamente haveriam de vir. O nadir, cujo início ocorreu no final da Idade Média, foi agora atingido. Portanto, cabe a pergunta: “O que vai acontecer agora?”

A Escola da Rosacruz Áurea parte do princípio de que a humanidade, tomada por um novo impulso eletromagnético, será separada em dois grupos. A grande massa caminhará rumo a um novo nadir, sob a liderança das

Não precisamos investigar essas sociedades secretas segundo seu tipo, sua doutrina, comportamento ou algo semelhante. Basta conhecer a força motriz por trás delas

ciências naturais e de toda a ciência ligada a esse processo; esse novo nadir significará o fim total, assim como aconteceu com a Atlântida. O outro grupo da humanidade voltar-se-á novamente para a Gnosis; e terá sucesso, desde que reaja ao *Hora est* e aproveite completa e irrestritamente o tempo que ainda lhe resta.

Consequentemente pode surgir a pergunta: “De onde vai sair esse segundo grupo? Como surgirá? O que lhe reservará o futuro?” Se conseguirmos dar uma resposta a essas questões, todos poderemos saber se pertencemos a esse grupo e onde nos situamos nele. Esse conhecimento é muito importante para aprender o que devemos fazer para recuperar um possível atraso ou evitar que nos atrasemos.

Quando a tragédia dos cátaros foi consumada, uma das primeiras consequências foi um grande número de irmãos e irmãs espalhados por toda a Europa. Não havia país ou região onde eles não fossem encontrados, em determinadas épocas. Eles abriram mão do tipo de trabalho gnóstico antigo estabelecido e muito conhecido e, movidos por sua vocação, retomaram as atividades, utilizando-se de um método completamente diferente.

Primeiro começaram a desenvolver o chamado método individual de divulgação. Cada irmão, cada irmã, passou a trabalhar sozinho e, muitas vezes após longa busca e meticolosas ponderações, escolher um aluno. Quando

este parecia apto, ele recebia, no devido tempo, a missão de encontrar, por sua vez, outro aluno. Compreendereis que, deste modo, pôde ser forjada uma corrente de irmãos e irmãs muito poderosa, que abarcava toda a Europa; secreta em sua essência mais profunda, protegida pela fachada do trabalho burguês e profano. Essa fraternidade aqui descrita tornou-se (e ainda é) a base do moderno gnosticismo. Nos séculos seguintes, muito foi dito e se especulou sobre isso. Contudo, quem não pertencesse à corrente não tinha como saber absolutamente nada, pois os que sabiam calavam-se. A única informação autêntica sobre esse primeiro círculo que nos foi permitido conhecer, é a que consta na *Fama* e na *Confessio Fraternitatis*.

Então pôde ter início a segunda etapa. A Renascença havia começado, abriu-se caminho para a renovação da Igreja. Nessa situação, não é de admirar que a Europa fosse invadida por inúmeras sociedades secretas. Não precisamos investigar essas sociedades secretas segundo seu tipo, doutrina, comportamento ou algo semelhante. Basta conhecer a força motriz por trás delas.

O que havia nos bastidores era precisamente a já mencionada corrente de irmãos, responsável pelo surgimento de tais sociedades em todos os países, com a ajuda das quais eles pretendiam conhecer e testar a opinião pública e as possibilidades dos buscadores, sob essas condições completamente novas.

Foram surgindo sempre novas sociedades,

de acordo com o gosto de cada um. Pode-se dizer, com razão, que toda a população europeia foi submetida a uma grande investigação psicológica. Quando ela terminou e comprovou-se a nova capacidade de reação, todas essas sociedades secretas foram deixadas pela respectiva corrente de irmãos. Em parte foram fechadas, em parte tornaram-se inativas, enquanto os inimigos da Gnosis apropriaram-se do invólucro vazio de outras para seus compreensíveis propósitos.

Devido a essa investigação psicológica geral, realizada conforme descrito, a loja do Pai – isto é, o centro invisível, de onde parte um impulso cósmico que atinge a Terra – decidiu enviar três grandes impulsos, assim que os desdobramentos histórico-materialistas tivessem atingido um novo nadir.

Três diferentes impulsos, porém com um único objetivo: levar com mais rapidez ao nadir previsto, mas de forma diferente, o grupo da humanidade do qual surgiria a moderna Escola Espiritual, como um impulso gnóstico claramente renascido.

Deparamo-nos com esses três impulsos nos movimentos da maçonaria, da teosofia e da antroposofia, com algumas correntes paralelas e ramificações a eles subordinadas. Esses três movimentos apoiavam-se na sabedoria oriental, mas também levavam claramente a marca de outras origens, como por exemplo, da Bíblia, do budismo, hinduísmo, entre outros, enquanto bem oculta, em segundo plano, a mui antiga Gnosis universal espargia

seu brilho para todos os que pudessem vê-lo. Guiados por essas correntes universais, esses movimentos cresceram com ideais como o humanismo, a filosofia da cultura, o ocultismo e a aspiração geral à cultura, ideais pelos quais a humanidade estava obcecada.

Por conseguinte, duas correntes, cada qual com sua própria orientação, foram mescladas: a corrente universal e a desta natureza! Até uma criança pode compreender qual seria a consequência disso, a curto ou longo prazo: com relação ao aspecto dialético, o homem ficaria preso a um desses três movimentos, e esse seria seu fim. Ele conservaria apenas um núcleo, o aspecto universal. Após essa dolorosa experiência de primeira mão, porém muito valiosa, haveria uma base nova e madura para um movimento gnóstico novo na Europa, para um novo reino da Gnosis, apesar da cristalização do corpo racial.

Os três impulsos trabalham – da forma aqui descrita – com vistas à moderna Escola Espiritual, a qual nega totalmente o aspecto ligado a esta natureza e novamente libera a Gnosis universal no tempo. Assim trabalham os impulsos, assim os tempos são e serão acelerados, a fim de que o campo de colheita seja novamente preparado!

O novo reino gnóstico foi fundado na Europa, e sua Fraternidade conclama todos a participar do “campo magnético” preparado especialmente para elevar o homem a um novo campo de consciência e, assim, protegê-lo de qualquer perigo que o ameace ☸

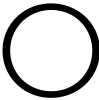




As representações do mundo são o reflexo da compreensão e do pensamento humano. Um dos mais antigos mapas-múndi é o de Ebstorf, desenhado no século 13, e refere-se a conhecimentos anteriores. Ele mostra o mundo conhecido na época com Jerusalém no centro e Cristo como o dirigente, tendo ao lado o paraíso, que aponta em direção do Oriente: “E o Senhor plantou um jardim da banda do Oriente”.

uma rosa não pergunta por quê

Segundo o budismo, trilhar o caminho óctuplo e conduzi-lo a um bom fim é a verdadeira missão do homem. Quem percorre essa senda alcança a budeidade. Na Escola da Rosacruz Áurea, os alunos trilham o caminho da endura gnóstica. As duas sendas constituem as diretrizes para a vida cotidiana de quem deseja aprofundar-se na elevação espiritual não somente na teoria, mas também na prática. Por isso, estudam a doutrina e aplicam-na em sua vida diária e em seu comportamento.

 adepto do budismo torna-se um bodhisattva. Ele procura realizar a budeidade para alcançar o objetivo mais elevado, o Nirvana. Um aluno rosa-cruz aspira a tecer a veste áurea nupcial, o símbolo das núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz: a união da alma com o Espírito.

Ambos os caminhos, o da senda óctupla e o da endura gnóstica, são possíveis porque existe no coração do ser humano um ponto de contato que o chama e o impulsiona a percorrer esse caminho. Os rosa-cruzes representam poeticamente esse ponto de conexão como um botão de rosa, e os budistas, como uma flor de lótus. Escutar atentamente a voz da rosa ou do lótus e obedecê-la influencia o comportamento do ser humano empenhado em seguir esse caminho, e provoca uma notória mudança. Ambos tornaram o serviço em prol do mundo e da humanidade a sua causa. O que nos mostra a imagem da flor budista?

Vista de modo bidimensional, a flor forma um triângulo: larga na base, terminando em ponta no alto. Ela mostra um desenvolvimento sétuplo do lótus, representado por sete anéis de doze flores cada um.

Esse desenvolvimento tem início no conhecido mundo dos opostos. Assim como o pêndulo de um relógio, esse mundo apresenta um movimento constante da esquerda para a direita, da direita para a esquerda, e assim por diante. Ao seguir a senda, porém, o movimento pendular diminui paulatinamente até que o resultado se torna visível na ponta: o movimento tornou-se

repouso em um ponto. Nesse ponto floresce e se abre um lótus voltado para cima. Trata-se, na oitava fase, da passagem para uma ligação com o Todo, com a Luz, o que simboliza o estado de iluminação de Buda. A flor está fundamentada sobre um quadrado triplice encimado por três círculos. Primeiro três vezes um quadrado. Sobre um quadrado se pode construir “de baixo para cima”. O quadrado representa os mundos físico, intelectual e espiritual. Depois, temos três vezes um círculo. O círculo não tem começo nem fim. Isso significa que podemos falar de uma mudança permanente, de desenvolvimento, de renovação no e por meio do coração, da cabeça e das mãos.

- O coração, que reconhece a tarefa espiritual, crê nela e une-se a ela;
- A cabeça, que pode entender e explicar o porquê do caminho mediante o intelecto e tem consciência do que compromete a senda e do que pode facilitá-la.
- As mãos, que representam a atividade manifestada na meditação ou reflexão diária, um morrer diário segundo a velha natureza para que a nova natureza possa nascer, uma atitude de vida perceptível, em consonância com o elevado objetivo.

Em outras palavras, coração, cabeça e mãos; ou também: amor, conhecimento e ação podem atuar conjuntamente em todos os três níveis e num processo contínuo de desenvolvimento, rumo a um grande objetivo. A mudança é a consequência de um processo de purificação e, portanto, de cura. Sobre essa base é formada a

DIRETRIZES PARA A VIDA DIÁRIA



Lilias Trotter. Do seu livro de esboços “França-Suíça-Veneza”, 1877

flor, em sete espirais com doze flores menores em cada uma, tendo no topo a oitava, a flor de lótus aberta.

As flores menores podem ser consideradas as doze forças do cosmos. Elas carregam, verdadeiramente, os sete desenvolvimentos com vista à cura e à unificação: o oitavo! Os sete círculos podem ser diferenciados em quatro grupos

de três. Os quatro grupos lembram as quatro nobres verdades budistas:

1. a nobre verdade sobre a natureza do sofrimento

Esta verdade diz: “Toda vida é sofrimento” e explica a natureza do sofrimento em todos os contextos nos quais ele ocorre durante a vida toda.



Flor búdica; provavelmente um ornamento do telhado de um templo na Indonésia.

2. a nobre verdade sobre a causa do sofrimento

O Budismo explica: todo sofrimento é causado pelo desejo. Isso significa, em princípio, que toda a vida humana é vivida em função do desejo, por exemplo, desejo sexual, desejo por coisas materiais. Assim que tais desejos são realizados, eles são substituídos por outros: desejo por prestígio, por exemplo, ou então o desejo de fazer desaparecer o que não se quer, como doenças, deficiências, pobreza.

3. a nobre verdade sobre a cessação do sofrimento

Para pôr fim ao sofrimento, é preciso extinguir todos os desejos.

4. a nobre verdade sobre o caminho óctuplo para a cessação do sofrimento

Este caminho também é chamado de “o nobre caminho óctuplo”: compreensão correta, pensamento correto, linguagem correta, ação correta, modo de vida correto, atenção correta e concentração correta.

O aluno que trilha o caminho adquire conhecimento e compreensão ao estudar essas quatro verdades. Mas conhecimento e compreensão não bastam, é preciso aplicá-los na prática e expressá-los em atitude de vida. Somente quando o aluno aplica o conhecimento, a experiência e o que interiorizou em uma “ação” visível ocorrem, de fato, a transformação, a transmutação e, finalmente, a transfiguração.

Assim se distinguem sete planos, cada qual com doze tarefas de purificação e renovação, sete degraus, cada qual com doze subdivisões, que conduzem ao oitavo: a unidade, simbolizada de forma radiante pelo lótus aberto no topo da flor. Também podemos ver as doze tarefas como as doze influências zodiacais sobre o mundo e a humanidade. Essas influências – por meio da força espiritual que delas emana – conduzem a humanidade a um caminho de desenvolvimento.

Diz-se que o Zodíaco tem início com o signo de Áries e termina com o de Peixes. Essa

Não vivemos em um Universo estático. Como manifestação divina, o Universo é dinâmico, renova-se continuamente e impele as ondas de vida a alçarem-se cada vez mais em glória e majestade

interpretação, porém, é arbitrária, uma vez que ele não tem começo nem fim. O Zodíaco existe como um anel da eternidade, que circunda nosso campo de desenvolvimento. Não vivemos em um Universo estático. Como manifestação divina, o Universo é dinâmico, renova-se continuamente e impele as ondas de vida a alçarem-se cada vez mais em glória e majestade. Agora, no século XXI, nosso mundo entrará na era de Aquário. Os aspectos particulares de Aquário influenciam a humanidade, e as mudanças provocadas por eles tornam-se cada vez mais nítidas. Pouco antes de sua morte, Buda teria dito a seus discípulos: “Tudo muda continuamente. Tentem conservar apenas o ensinamento do budismo. Mas façam-no sem a menor negligência”. E assim estamos no hoje vivente, ligados a um campo que é eterno.

A flor que representa os sete planos (e o oitavo) e as quatro nobres verdades constituem o óctuplo caminho budista. Para quem chegou ao topo, vale o seguinte:

“Quem atinge a vacuidade suprema mantém uma quietude eterna.

Os dez mil seres nascem juntos; a seguir, eu os vejo retornar novamente.

Todas as coisas florescem em profusão; a seguir, cada uma retorna à sua origem.

Retornar à origem significa estar na quietude, e estar na quietude significa retornar à verdadeira vida, a vida eterna.

Denomino retornar à vida ser eternamente.

Conhecer o que é eterno é ser iluminado. Não conhecer o que é eterno equivale a fazer sua própria infelicidade.

Conhecer o que é eterno é possuir uma grande alma. Ter uma grande alma é ser justo. Ser justo é ser rei. Ser rei é ser o céu. Ser o céu é ser Tao.

Ser Tao é durar eternamente. Mesmo que o corpo morra, já não há perigo a ser temido” (Lao Tsé, *Tao Te King*, capítulo 16).

Os rosa-cruzes conhecem o caminho óctuplo como a senda da endura. A Rosacruz Áurea explica que o homem pode realizar o processo de renovação com base na força viva da rosa-do-coração.

Utilizando suas capacidades pessoais, é possível chegar até o quinto plano. A partir de então, a ascensão torna-se possível quando se dá espaço à força divina interior, ao trilhar a senda para a imortalidade. A Rosacruz Áurea descreve esse caminho da seguinte maneira:

1. orientação única

Colocar-se sob a proteção da Fraternidade Universal, por meio de uma profunda fé,



Para o neófito budista ressoa a voz: “Sê amoroso, gentil e segue o caminho do bem”

- vinda do coração. Ou, nas palavras do budismo: sob os iluminados, os budas. A teoria e o conhecimento racional devem ser subordinados a eles.
- 2. harmonia no intercâmbio das atividades
Conhecer a virtude por meio do seu desabrochar e realizando ações virtuosas como nova atitude de vida.
- 3. unidade de grupo
Ingressar na comunidade dos justificados.
- 4. disposição para servir
O anseio por salvar do sofrimento todos os seres vivos do mundo.
- 5. a renovação concreta da personalidade quádrupla
A redenção do sofrimento nos corpos físico

Migrantes. Bong Chae Son. Projeto Artístico
Coreano do Museu Coreano de Arte, Óleo sobre
polycarbonato, 2009-2010

- e etérico, a superação da cobiça e do ego-
centrismo no corpo de desejos, bem como
a supressão da ignorância no corpo mental.
6. a realização do suprap síquico (a alma)
 7. a realização da nova psique (as núpcias
alquímicas da alma com o Espírito).
 8. a ligação completa com a Luz e o ingresso
no novo campo de vida.

Na linguagem do budismo: a flor de lótus
aberta, o ingresso no Nirvana. “Todo movi-
mento encontra repouso em Buda, o Espírito
do universo”.

Abre-se, então, a flor áurea maravilhosa.

A unidade com Deus tornou-se um fato.

É estar no mundo, sem ser do mundo.

E quando a rosa – o lótus – floresce, tudo o
que foi adquirido é dado novamente a todos
e para todos. Porque a rosa e o lótus flores-
cem no amor e na compaixão.

PARA O NEÓFITO BUDISTA RESSOA A VOZ:

“Sê amoroso, gentil e segue o caminho do
bem. Trilha teu caminho com coragem e sem
esmorecer e consagra-te ao objetivo com teu
anseio. Vacilar e hesitar não te ajudarão, mas
a diligência trará segurança. Quando reco-
nheceres a senda, desenvolve-a, para que a
encontres e faças tua a senda imortal”.

Para o jovem transfigurista ressoa:

“Edifica tua vida com diligência e com rigor.
Mesmo que frequentemente fracasses, jamais
percas a coragem!

Se desejas um mundo melhor, não olhes para
os outros.

Mantém tranquilo teu próprio ser, ser e
muda-o”.

Livre e franco, ele esforça-se para atingir o
objetivo: a verdadeira vida divina.

Na Terra, nada o impede de tecer a veste
nupcial.

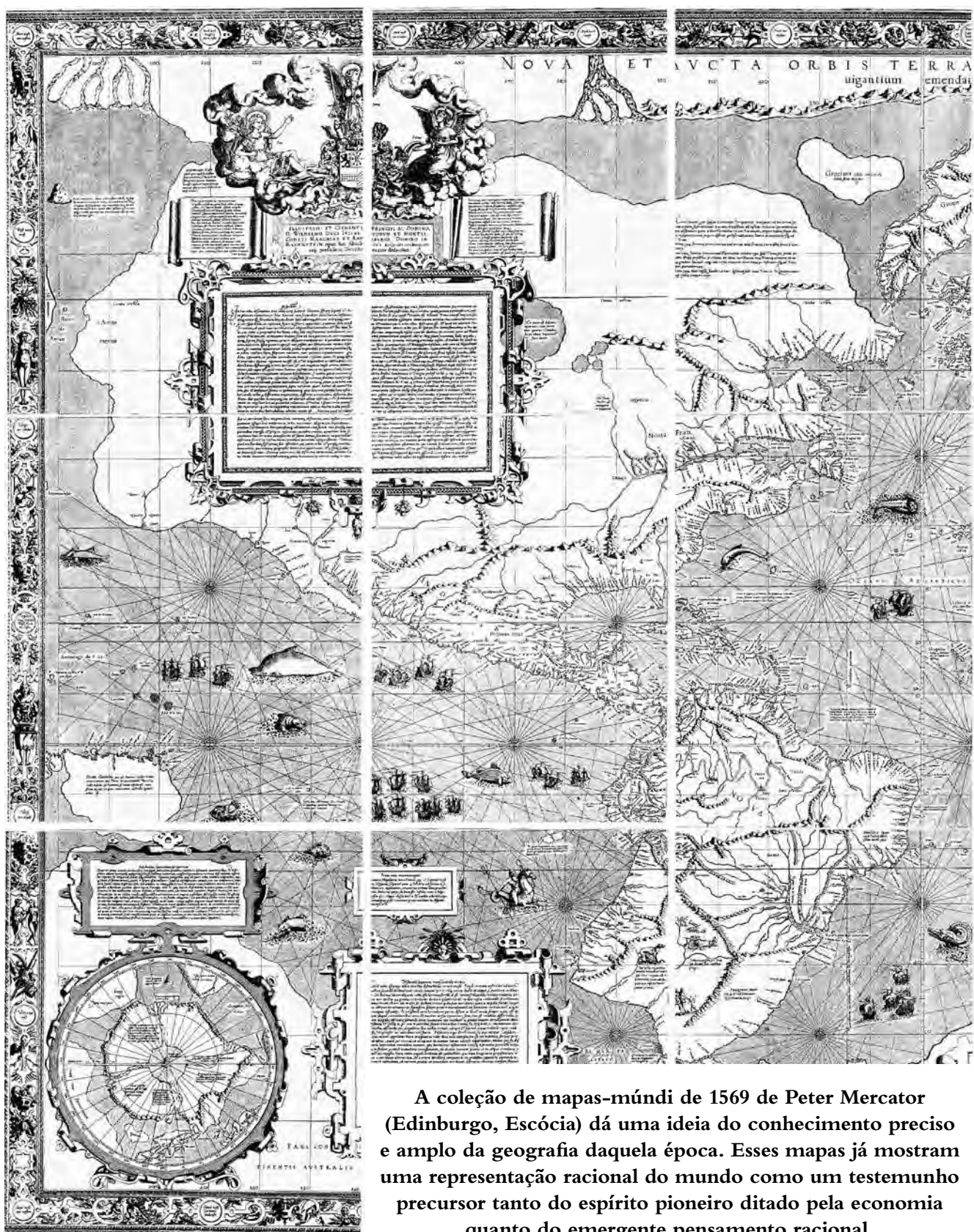
Quem não teme a ação e confia em Deus,
desenvolverá a bela veste áurea de luz de
outrora.

A rosa não pergunta por quê.

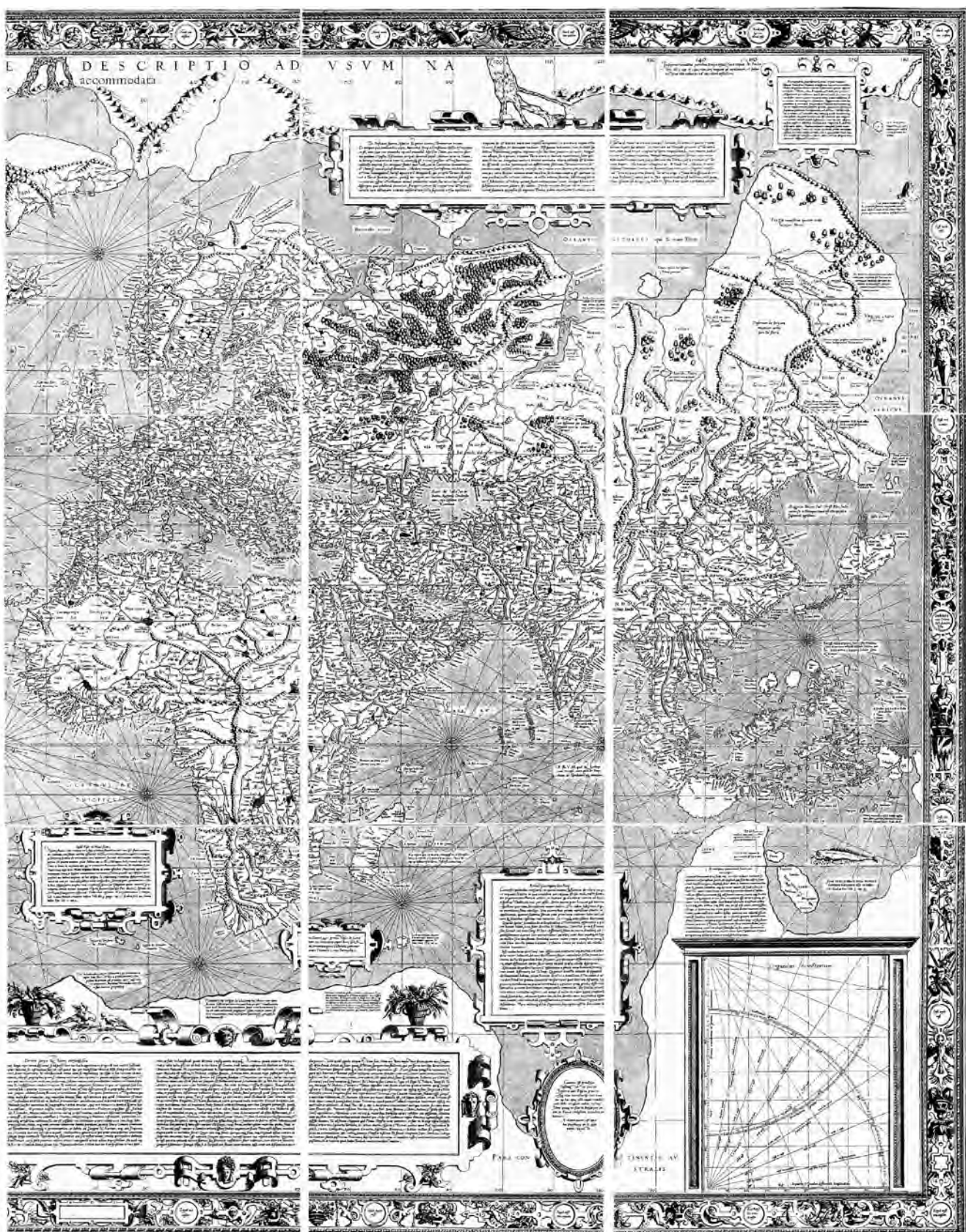
A rosa floresce porque floresce.

Qualquer explicação reduz esse milagre.

Este texto resume as colocações feitas por
três grupos durante o simpósio em Renova
“Todo movimento encontra repouso em
Buda, o espírito do universo” ✪



A coleção de mapas-múndi de 1569 de Peter Mercator (Edinburgo, Escócia) dá uma ideia do conhecimento preciso e amplo da geografia daquela época. Esses mapas já mostram uma representação racional do mundo como um testemunho precursor tanto do espírito pioneiro ditado pela economia quanto do emergente pensamento racional.



o graal e o cavalo

Era uma vez, no Oriente Médio, um cavaleiro que galopava de aldeia em aldeia no meio da noite acordando os moradores da cidade por onde passava para perguntar-lhes em tom angustiado: “Os senhores viram o meu cavalo?” A resposta era tão óbvia que ninguém ousava dizer que ele estava montado no cavalo. Ele era o único que não estava consciente disso.

Se transpuséssemos essa pequena história sufi do Oriente Médio para o “Ocidente Próximo”, para o nosso mundo, talvez nosso coração se encantasse ou mesmo risse, mas a isso sucederia, provavelmente, uma reação racional como: Ora, você me vem com cada história! Quer me enganar que o cavaleiro não percebe que está montado no cavalo? E, assim, o intelecto cria uma imagem maior, que o coração compreende muito bem e, muitas vezes, reconhece nos outros: “Então ele não enxerga isso?!” Não, aparentemente não.

A respeito dessa forma de cegueira que é singular, à primeira vista, encontramos na literatura bonitas histórias frequentemente baseadas em mitos universais. A pequena história a seguir foi tirada do livro *O Alquimista*, de Paulo Coelho:

O Alquimista pegou um livro que alguém na caravana havia trazido. O volume estava sem capa, mas conseguiu identificar seu autor: Oscar Wilde. Enquanto folheava suas páginas, encontrou uma história sobre Narciso. O Alquimista conhecia a lenda de Narciso, um belo rapaz que todos os dias ia contemplar sua própria beleza num lago. Era tão fascinado por si mesmo que certo dia caiu dentro do lago e morreu afogado. No lugar onde caiu, nasceu uma flor, que chamaram de narciso. Mas não era assim que Oscar Wilde acabava a história. Ele dizia que quando Narciso morreu, vieram as Oréiades – deusas do bosque – e viram o lago transformado, de um lago de água doce, num cântaro de lágrimas salgadas. “Por que você chora?”,

perguntaram as Oréiades. “Choro por Narciso”, disse o lago. “Ah, não nos espanta que você chore por Narciso”, continuaram elas. “Afinal de contas, apesar de todas nós sempre correremos atrás dele pelo bosque, você era o único que tinha a oportunidade de contemplar de perto sua beleza”. “Mas Narciso era belo?”, perguntou o lago. “Quem mais do que você poderia saber disso?”, responderam, surpresas, as Oréiades. “Afinal de contas, era em suas margens que ele se debruçava todos os dias”.

O lago ficou algum tempo quieto. Por fim, disse: “Eu choro por Narciso, mas jamais havia percebido que Narciso era belo.

Choro por Narciso porque, todas as vezes que ele se deitava sobre minhas margens eu podia ver, no fundo dos seus olhos, minha própria beleza refletida”.

O que chama a atenção nesta história é que Oscar Wilde e Paulo Coelho dão um passo adiante: o deslumbrado Narciso e o deslumbrado lago estão juntos em um mundo, o mundo dos contrastes, um mundo no qual toda ação termina em uma reação. Fica claro que o contexto global dessa história também pressupõe a existência de um mundo diferente, o mundo da unidade eterna. Se nos fixarmos cegamente em Narciso e no lago, algo nos escapa. Afinal, nessa história ainda está presente um terceiro elemento: as oréiades, que de outro nível de consciência, uma

A partida. Uma figura do tarô: “A cavalo e de cabeça erguida estás em vias de entrar em unidade...”

© G.Olsthorn, Países Baixos





Parsifal chega ao mosteiro. *Quête du Saint Graal*, manuscrito do século 15, de Poitiers, França.
Biblioteca Nacional da França

consciência que não está encerrada no mesmo círculo vicioso, fazem perguntas.

Portanto, no homem deslumbrado, que, apesar de tudo, participa de dois mundos, uma pergunta insiste em retornar: onde está meu cavalo? Imagine que o cavaleiro esteja completamente esquecido disso. Que ele já não faça a pergunta a si mesmo, por que ela já não lhe ocorre, e ele simplesmente continue galopando pelo mundo. E quando as oréiades lhe perguntassem pelo seu cavalo e se ele não poderia conduzir melhor as coisas como cavaleiro, ele reagiria assim: “Que cavalo? Como... cavalo?”

Para o homem que ainda não esqueceu totalmente tudo, parece existir uma espécie de lembrança. Não de caráter mental, não uma lembrança para a qual o pensamento ou os caracteres dos livros possam dar uma respos-

ta, mas antes, um anelo distante um tanto doloroso, saudades da pátria, anseio por um lar. Não é uma dor ou um mal agudo, porém corrosivo, atormentador. Uma lembrança que é a voz do remanescente de outro mundo, o átomo-centelha-do-espírito no coração.

NOSSA BUSCA É CASUAL? Consideremos essa pequena anedota sufi de maneira um pouco mais precisa, mas agora com os olhos de nosso coração e com a consciência de ter reconhecido o anelo. Quantas pessoas abriam para o cavaleiro angustiado quando ele batesse? Quantas pessoas compreenderiam sua pergunta, sua angústia? Quantas pessoas estariam conscientes da resposta que está à mão? Será que a resposta está mesmo assim à mão? O que fazemos quando, angustiadíssimos, no meio da noite, batemos para nós mesmos

com a pergunta: “Onde está meu cavalo?” Abrimos a porta? Compreendemos nossa pergunta? O seu tom angustiado? Compreendemos o significado do cavalo? Afinal, estamos em busca do quê? Será que ousamos enxergar o que fazemos, ousamos perguntar-nos quem realmente somos, ousamos conhecer a nós mesmos, chegar a um autoconhecimento mais preciso? Ao autoconhecimento de nossa existência humana, do sentido da vida, autoconhecimento de nossos medos e anseios mais profundos?

Ou nos acalmamos com um livro, um filme, uma viagem, lembrancinhas? Será casual a superabundância de livros sobre viagens e explorações? Sem falar sobre a enorme oferta de filmes, nos quais os espectadores, durante um período de uma hora e meia até três horas, são levados com rapidez vertiginosa por aventuras. É como se eles próprios as vivessem, para depois, em segurança, levantarem-se de seu assento e irem para casa. Satisfeitos por um momento, porém, acima de tudo, dominados, sem integração alguma da consciência. No entanto, será que voltam a si, na construção estranha deles desconhecida...?

MÚLTIPLAS INTERPRETAÇÕES Vamos reunir uma porção de livros e filmes sobre viagens extraordinárias, campeões de bilheteria, e olhar principalmente o título: *Harry Potter e a pedra filosofal*, *Harry Potter e a câmara secreta*, *e o prisioneiro de Askaban*, *e o cálice de fogo*, *e*

a Ordem da Fênix, *e o enigma do príncipe*, *e as relíquias da morte*.

Outra série é a trilogia *O senhor dos anéis* com *A sociedade do anel*, *As duas torres* e *O retorno do rei*. E, por fim: *O código da Vinci* e *Anjos e demônios*, de Dan Brown. Títulos cheios de símbolos e sinais que estão no centro dos filmes dos contos do rei Artur e, principalmente, nos contos do Graal.

Não há dúvida de que, em nossa época, existe interesse pela temática do Graal. Com muitos ingredientes fundamentais dessa matéria tradicional – a última ceia, José de Arimateia, Maria Madalena, a iconografia dos primeiros cristãos, as cruzadas e os cavaleiros templários, o forte contraste ideológico entre os diversos buscadores do Graal – parece que nos livros e filmes uma nova procura pelo Graal está tomando forma. Sem dúvida, o interesse pelo rei Artur e pelo Graal é parte da intensa onda de interesse pela Idade Média que se propagou desde os anos 1980. Porém, talvez possamos procurar mais profundamente uma explicação verdadeira. O interesse pelo Graal e pela mística, que ocorre por toda parte, pode ser um sinal da interpretação insuficiente do homem limitado, do Narciso desesperado na busca por seu cavalo – uma necessidade que está sendo explorada de forma inescrupulosa.

O Graal, mesmo cercado por toda espécie de enigmas, parece exercer uma força de atração singular sobre tudo o que, com relação a isso, ficou obscuro na História. Publicações são encontradas em qualquer lugar turístico que evoca mistérios peculiares: Chartres, Vézelay, Glastonbury, Stonehenge, Montségur, Rennes-le-Château, Odilienburg... Com frequência elas falam mais sobre o homem atual e sua obsessão por sensações do que sobre os romances medievais do Graal. Lancemos um rápido olhar sobre uma série de possibilidades de interpretação do Graal como são encontradas na Internet e vejamos como, por suas contradições, elas mostram que não vão

Outra ideia bem diferente é a teoria de que o Santo Graal é um conjunto de documentos

além de um nível de interpretação exterior, dialético. Diz-se que o Graal é uma taça ou um cálice no qual foi recolhido o sangue de Cristo na sua crucificação. Em outras histórias é o cálice usado na última ceia.

Conforme a tradição, José de Arimateia teria levado o Graal em segurança para um lugar desconhecido. Algumas pessoas acreditam ser esse local Glastonbury, na Inglaterra, uma possível referência aos celtas clássicos, conhecedores de um vaso ou um caldeirão que proporcionava a vida eterna ou possuía forças mágicas (lembremo-nos de Asterix). Essa era bem a intenção da doutrina cristã romana, a utilização de símbolos pagãos em sua cristianização. Outras acreditam que o Graal foi levado para o sul da França, para o Languedoc, onde floresceu o catarismo, mais tarde exterminado por uma cruzada. Presume-se que o Graal se encontrasse no castelo de Montségur, o último bastião dos cátaros. A lenda é fortalecida pela informação de que, pouco antes da queda do castelo, alguns dirigentes cátaros teriam escapado. Teriam levado consigo o Graal?

Outros ainda afirmam que o nome Graal ou *San Gréal* é uma variação de *sang real*, que, em verdade, se refere à linhagem de Jesus Cristo. E ainda outro grupo de pesquisadores atribui uma origem cito-iraniana para essas histórias.

Alguns afirmam que a procura pelo Santo Graal refere-se à procura pelo divino dentro de nós. Com relação à fonte e à temática,

trata-se aqui, sobretudo, de uma interpretação gnóstica. É a corrente à qual a Escola Espiritual gnóstica se dedica. Continuaremos a abordá-la neste artigo.

MUITAS CABEÇAS, MUITAS IDEIAS Essa miscelânea de visões e interpretações do Graal inspirou inúmeros autores para histórias mais ou menos turbulentas. Chrétien de Troyes foi o primeiro a mencionar o Graal, no século 12, em seu romance sobre a cavalaria, *Perceval*. Ele também lhe atribuía forças sempre recorrentes nas histórias, tais como imortalidade, efeitos medicinais e ligação com Deus. Michael Baigent, Henry Lincoln e Richard Leigh publicaram o livro *O Santo Graal e a linhagem sagrada*, no qual é apresentada a teoria dos descendentes de Jesus Cristo. Esse tema foi pesquisado por Laurence Gardner em *A linhagem do Santo Graal*. Em seu livro *A revelação dos templários*, Lynn Picknett e Clive Prince descrevem vários mitos da francmaçonaria, dos cátaros e templários com uma rápida menção a Maria Madalena e João Batista. Conhecido também é Otto Rahn por seu livro *Cruzada contra o Graal*, uma das obras que colocaram em debate Montségur como a cidadela do Graal. A série de filmes Indiana Jones apresentou o Santo Graal para o grande público no filme *A última cruzada*.

No filme *Monty Python – em busca do cálice sagrado*, também encontramos esse tema, embora de forma mais leve... e já mencionamos as séries *Harry Potter* e *O senhor dos anéis*. Uma ideia bem diferente é a teoria de o Santo Graal ser um conjunto de documentos. Eles constituiriam a prova do casamento de Jesus com Maria Madalena. Esse casal teria dado origem a Sara. Dan Brown empregou esse tema em seu romance *O código Da Vinci*, no qual narra uma conspiração da Igreja Católica contra o Santo Graal. Os documentos a existência de uma descendência de Jesus vivendo até os dias de hoje, o que derrubaria



Pináculos da Spoulga de Bouan, uma fortaleza medieval nos penhascos de Orniolac, sul da França © pentagrama

as bases do cristianismo.

Essa curta digressão deixa mais perguntas em aberto, pois se vemos todos esses filmes, se lemos *O código Da Vinci* e *Parsifal* e as lendas do rei Artur, e os livros voltam à nossa estante, ou se nós mesmos encontrássemos o Graal e o cálice estivesse em casa sobre a lareira, e daí? O que fazer então? Procurar por alguma outra coisa? Por quanto tempo?

A PROCURA COMEÇA A ansiedade, a busca inicial, a saída para a busca, a convicção de haver encontrado e, por fim, o retorno ao mesmo vazio com uma nova história na cabeça, história que, talvez, continuemos a contar, da qual podemos nos lembrar... Imaginemos o cavaleiro citado procurando por seu cavalo. Em uma porta ele recebe um livro de Dan Brown, em outra, a lenda do rei Artur, em outra porta ainda *O senhor dos anéis*, em outra obtém um DVD e em outra porta colocam-lhe nas mãos um graal. Tudo isso ele amarra em sua sela e vai seguindo adiante no meio da noite, batendo incansavelmente de porta em porta: “Vocês viram

o meu cavalo?” Em cada moradia ele fica de novo parado à porta. Em nenhuma ele entra realmente.

Toda cultura o cavaleiro aceita com o intelecto, mas não se engaja com o coração. Com isso, seu coração permanece vazio e isolado. Esses fatos, histórias e filmes são apenas informações mentais. Um coração vazio, isolado, é um coração angustiado. Como uma donzela imprudente, ele é suscetível a todo embuste deste mundo.

Esse cavaleiro deveria transformar-se. Conhecimento exterior, sem assimilação e realização interior, é e continua sendo pessoal e não dá acesso à verdade universal. O cavaleiro fica parado à porta, torna a saltar sobre o cavalo e continua galopando angustiado. Na *Confessio Fraternitatis*, a confissão da Fraternidade Rosa-Cruz, livro que apresenta parte do testamento da Ordem Clássica da Rosa-Cruz, lemos o seguinte: “Assim, aqueles que fazem deste único Livro o fio condutor da sua vida, o objeto mais sublime da sua aspiração ao conhecimento e à representação do Universo, estão muito próximos de

A produção deste cálice nupcial é, assim, possível a todo homem. O Graal está, portanto, oculto em cada homem

nós e são nossos perfeitos semelhantes. [...] Que [...] seja nossa tarefa testemunhar que, desde a origem do mundo, o homem não recebeu obra mais maravilhosa, mais grandiosa e mais salutar que a dos livros sagrados. Bendito seja aquele que os possui, mais ainda aquele que os lê, e, bem mais, aquele que aprende a conhecê-los em profundidade, enquanto que aquele que os compreende e se põe a seu serviço é, de todos, o que mais se assemelha a Deus”.

Compreender interiormente, e obedecer, seguir e aplicar, são possibilidades que cada buscador autêntico possui. No âmbito do simbolismo do Graal, vamos colocar-nos diante de um quadro importante no qual o Santo Graal e a personagem feminina Maria podem ser elementos de uma alegoria: a devoção. Quem decide substituir sua inclinação religiosa por uma prática de vida de temor a Deus será, de acordo com a palavra dos rosa-cruzes clássicos, imediatamente “inflamado pelo Espírito de Deus”.

O grande processo transcorre par a par com o declínio do ser anímico nascido da natureza. Nesse sentido a saga do Graal, em sua singularidade, mostra perfeitamente os valores gnósticos de que o homem precisa para compreender o que é o Graal, como deve ser produzido e onde é encontrado. É o próprio homem que pode fazer o Graal! E ele fará isso na prática, muito concretamente, em si mesmo, para depois estar em condição de acolher, transformar e irradiar as eleva-

das energias da supranatureza (designadas na lenda como Jesus, o Senhor).

O GRAAL NO CONTEXTO FÍSICO Aqui vamos citar alguns trechos do livro *A Gnosis Universal*, de J. van Rijckenborgh e Catharose de Petri, fundadores da Escola da Rosacruz Áurea:

“Anatomicamente, a taça do Graal é indicada pelos três círculos plexiais já mencionados: o da laringe, o dos pulmões e o do coração. A parte superior da taça sagrada corresponde com o sistema da laringe; a haste da taça de cristal está erigida nos pulmões e a base fica na cavidade cardíaca. A possibilidade para a confecção dessa taça nupcial encontra-se, portanto, presente em todo o ser humano. [...] a primeira ação libertadora isola completamente o aluno das influências da natureza dialética, em se tratando dos efeitos da luz, do som e da atmosfera. Ela reduz essas atividades a um mínimo biológico. Essa primeira ação libertadora conduz o aluno sobre o limiar. [...] Em seguida, ele deverá tornar o santuário do seu coração apto para conservar essas forças. É assim que, pela utilização das possibilidades presentes, o Graal é erigido. [...] Os novos éteres penetram então ao longo da traqueia, preenchendo todas as cavidades pulmonares, e desse modo atingem a cavidade cardíaca; e, após terem executado sua tarefa, retornam em parte para o exterior pela expiração. Na inspiração, o lóbulo esquerdo da glândula tireoide é influenciado e, na expiração, o lóbulo direito. Desse modo, os contornos, as linhas de força da taça do Graal são gravadas no santuário do coração. Se possuíis um pouco de conhecimento anatômico, ser-vos-á claro que esta estrutura de linhas de força efetivamente possui a forma de um cálice. [...] Esta taça sagrada está agora preparada para receber o santo fogo, ou a força cundalini, assim chamada pelos irmãos do Oriente. [...] Quem

puder suportar o fogo no Graal erigido e em sua qualidade de José de Arimateia puder conservá-lo, esse levará o cálice sagrado assim preenchido para o Ocidente, para o país do poente. Este é o ponto onde o Sol da natureza comum se põe para que o Sol da nova vida possa erguer-se no horizonte. [...] Compreendereis que a fundição da taça do Graal com o mais nobre cristal etérico não é um trabalho que possa ser executado numa hora vaga e após a execução dos compromissos sociais ou no pacato viver cotidiano. O fundir a taça do Graal, o fundir o mar de cristal, é uma obra que somente poderá realizar-se depois de muitos fracassos e de uma intensa luta”.

QUATRO CAVALEIROS EM BUSCA DO GRAAL

Na lenda do rei Artur e a tábua redonda, fala-se de cavaleiros que partiram em busca do Santo Graal. Apenas quatro desses cavaleiros foram escolhidos para vivenciar o mistério do Graal. O primeiro, por causa de seu estado pecaminoso, vivenciou-o em um sonho. O segundo, por não estar pronto para dar um novo passo, teve de voltar ao mundo para anunciar o Graal. O terceiro, Parsifal, depois de muito cair e levantar-se na senda, tornou-se o guardião do Graal, o rei do Graal. O quarto, Galaad, o iniciado, o sábio, o perfeito, entrou na luz do Graal. Com relação a Galaad, existem descrições notáveis que fazem referência a seu estado de vontade, indicando, entre outras coisas, o seguinte: “Galaad lançou o olhar sobre os cavaleiros reunidos. Ele viu as mulheres, a tábua redonda e a cadeira com as luminosas letras douradas: ‘Senhor, sua corte é bonita’, disse ele, ‘mas aqui eu não posso ficar. Lá fora meu cavalo espera por mim. Não sei aonde ele vai me levar e também não pergunto isso. Uma missão espera por mim e preciso cumpri-la. Não quero pensar em anseios próprios. Adeus, Senhor.’ Quando os cavaleiros se apressaram a segui-lo, viram

no pátio um cavalo branco. Galaad montou-o e partiu”.

Nas lendas e contos, o cavalo simboliza uma força estelar maior e dinâmica, também denominada força astral, e branco é a cor da pureza. Um homem que alcançou o elevado estágio espiritual de um Galaad submeteu-se inteiramente à vontade divina. Não é ele quem dirige as coisas, mas, a toda hora, ele segue o caminho que a força de uma vontade mais elevada prevê para ele. “O senhor é um cavaleiro extraordinário, Galaad”, disse Nimue. “Onde está seu escudo? O senhor quer iniciar uma grande viagem sem escudo?” “Senhora, esta manhã eu também não tinha espada, mas obtive uma sem procurar por ela. Se precisar de um escudo, eu o encontrarei na hora certa.” “E se não o encontrar, Galaad?” “Então, mesmo sem escudo, buscarei o Graal.” “E se também não encontrar o Graal?”

“Senhora, também não me pergunto isso. Fui encarregado de procurá-lo. E isso basta.”

Era uma vez, no Oriente Médio, um cavaleiro que galopava de aldeia em aldeia no meio da noite. Esse Galaad, montado em seu cavalo branco, desperta o coração de cada narciso errante, que lhe pergunta em tom angustiado: “Senhor, tenho um Graal de pedra na minha sela. O senhor viu o meu cavalo?” ☸



Assim dizia minha avó...

Minha avó dizia que cada ser humano teria dois espíritos. Um deles se identificaria somente com as necessidades materiais do corpo. Ele deveria ser utilizado para procurar abrigo e alimento. Ela dizia que esse espírito é indispensável para, simplesmente, continuarmos vivos. Contava que também teríamos outro espírito que nada teria a ver com tudo isso e afirmava que esse era o espírito espiritual. Vovó dizia que, se utilizássemos o espírito material para alimentar sentimentos de cobiça ou pensamentos desonestos para tirar proveito dos outros ou prejudicar alguém, o mundo espiritual se degradaria até ficar do tamanho de uma noz. Vovó também dizia que no momento em que o corpo material morria o espírito material também morria. E o espírito espiritual de quem só havia pensado com seu espírito material encolheria até ficar do tamanho de uma noz, e somente o espírito espiritual continuaria a viver quando tudo o mais estivesse morto. Além disso, Vovó dizia que quando a pessoa renascesse – algo, aliás, inevitável – perceberia estar mais afastada do seu lugar de destino do que antes. E estaria com um espírito espiritual do tamanho de uma noz, ao qual faltaria quase toda compreensão. Quando o modo de pensar materialista se tornasse dominante, o espírito espiritual poderia reduzir-se ao tamanho de uma ervilha e até mesmo desaparecer totalmente. Assim viriam à existência pessoas desprovidas de alma. Vovó achava que elas eram facilmente reconhecidas, porque as pessoas sem alma, ao olhar para os outros, só levariam em conta seus aspectos maus. Assim, por exemplo, observando uma árvore, elas veriam nela material de construção e perspectivas de lucro, mas jamais sua beleza. Quando falava dessas pessoas, Vovó as chamava de *mortos ambulantes*. Para ela, o espírito espiritual era como um músculo: utilizá-lo fazia-o crescer e ganhar força. E esse músculo só poderia se desenvolver se o utilizássemos para a



compreensão profunda das coisas. No entanto, isso somente poderia ser realizado com a condição de que o espírito material se libertasse da cobiça e de coisas desse tipo. A compreensão seria ainda maior se nos esforçássemos muito para entender, pois o espírito espiritual cresceria. Compreensão e amor seriam, naturalmente, a mesma coisa. Segundo Vovó, frequentemente as pessoas se enganariam. Elas fariam o melhor para dar a impressão de que amam as coisas, no entanto, não as compreenderiam. E isso não pode ser. Neste instante tomo a resolução de tentar compreender todos, ou quase todos: não quero dar a impressão de ter um espírito do tamanho de uma noz! Vovó dizia que os *cherokees* conheciam tudo isso; que eles teriam aprendido já há muito tempo ☺

Trecho do livro *Arvorezinha*, de Forest Carter

“Não tenho uma alma... !”, dizia ele
“Não apenas uma, mas duas!”

Se você escolher aleatoriamente algumas pessoas e perguntar “Qual de vocês não tem alma?”, poucas apontarão para si mesmas. E se você perguntasse a essas pessoas “Onde está sua alma?”, acontecería o mesmo: muito poucos saberiam responder.

Animação é uma noção bem conhecida, de conotação positiva: quando alguém faz ou diz algo com animação expressa algo que vive em sua alma: seu alcance ultrapassa a simples paixão.

Quem coloca toda a sua alma na ação empreendida age com o coração. A animação é um impulso proveniente do sangue. Ele acompanha o ato que lhe corresponde com o calor, a força e o poder criador dessa alma. O sangue é o suporte ou um dos suportes da alma.

Ele circula pelo corpo inteiro: caminha pelos capilares e atinge cada átomo, para aí fixar suas características; faz parte do nosso corpo físico e constitui o elemento material da alma natural. Mas a qualidade daquilo que anima o homem provém do desejo de seu coração – do desejo refletido, baseado na vontade. É por isso que o estado de alma é formado por múltiplos aspectos. A esfera mental, a esfera astral e a energia natural alimentam essa animação.

Apesar de serem muito sutis e imperceptíveis aos nossos sentidos, as substâncias que constituem essas esferas pertencem a este mundo.

O sangue representa a fase final desse processo. Graças a ele, o estado de alma da personalidade irradia e a ação se concretiza: é assim que o ser, o indivíduo, toma forma.



Mhairead MacDonald, 2010

© themoonskinjournals.wordpress.com.

A procura é uma luta na qual nos batemos constantemente contra paredes que não querem nem podem ceder – até o momento em que suspiramos e nos perguntamos: “E agora, o que fazer?”

Quanto mais refinada for, mais a alma dará testemunho de sua nobreza. Quando falamos de uma “velha alma”, de uma “alma sábia”, trata-se da animação de uma estrutura humana com profunda moralidade e grande sabedoria, adquiridas ao longo de sucessivas encarnações que contribuíram para sua formação. Porém, apesar de sua nobreza, essa alma ainda continua aprisionada à natureza da morte e continua a expressar-se nesta dimensão. Nas escolas de libertação, é comum ouvir-se a expressão “nova alma”. Essa nova alma não é a alma velha melhorada – ou seja, uma alma natural – mas literalmente uma alma totalmente nova.

Qualificar como nova a alma que é composta por elementos da natureza da morte é pura insensatez.

A alma que é realmente nova não pode, de modo algum, ser

proveniente de algo que já existe na natureza.

A matéria da qual a nova

alma é edificada não é deste mundo.

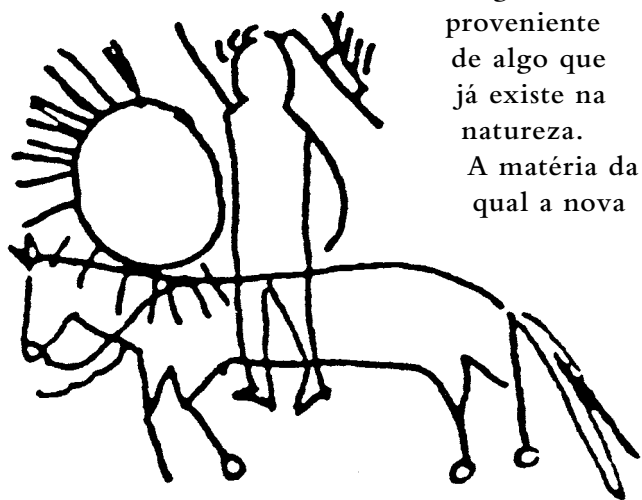
Mas como é possível acontecer um processo como esse?

Como ele se inicia?

No momento em que nasce e na medida em que aumenta a compreensão do aprisionamento de nossa alma terrestre, cresce em nós um imenso anseio por libertarmo-nos desta natureza. Como? Em toda parte, em todos os domínios o homem busca elevação e verdadeira liberdade. Depois de ter-se ferido em numerosos obstáculos, que surgem de todos os lugares, a alma acaba ficando exausta. Ela suspira: “Já não sei mais nada! Como posso continuar? Qual é o sentido de tudo isso?”

Então, com a sensação de abandono, ela se dá por vencida – e seus suspiros chegam ao éter. Surge então a resposta. Sempre! É a resposta que traz a única solução possível: o toque, o alimento que vem de uma força estranha a este mundo. É a chegada consciente de um chamado: o “batei e abrir-se-vos-á”, sempre presente, mas ao qual, até esse momento, o buscador ainda não estava preparado para responder.

Essa força tem a capacidade de ativar no ser humano o ponto de contato com a nova alma, de modo que o sangue possa ligar-se com uma nova substância: à força de renovação. Essa força não terrestre começa, então, a circular pelo corpo inteiro, tocando



Linguagem imagética dos índios comanches e dakotas da América do Norte

o sistema corporal em toda a sua extensão. Basicamente, a partir desse instante, o corpo humano se constitui no veículo da nova alma. A nova substância edificadora dessa alma, essa força-luz não terrestre, passa a irradiar e envolve o mundo inteiro. Os rosa-cruzes chamam-na de “energia de Cristo.”

E, enquanto a vida terrestre comum segue seu curso, uma alma totalmente nova cresce, ao mesmo tempo em que a consciência que a conduz auxilia-a e sustenta-a em seu crescimento: o homem abre um lugar para ela em sua vida cotidiana, tanto em seu interior quanto no mundo ao seu redor.

A nova alma não expressa o *eu* nem o *você*. Somente existe a vivência da unidade: uma gênese completamente nova da consciência. A nova alma jamais se coloca à frente, jamais briga para conquistar o melhor lugar: ela vive fundamentada nos valores da renovação. Nascida da força de Cristo, ela é parte integrante dessa força, é a consciência da unidade.

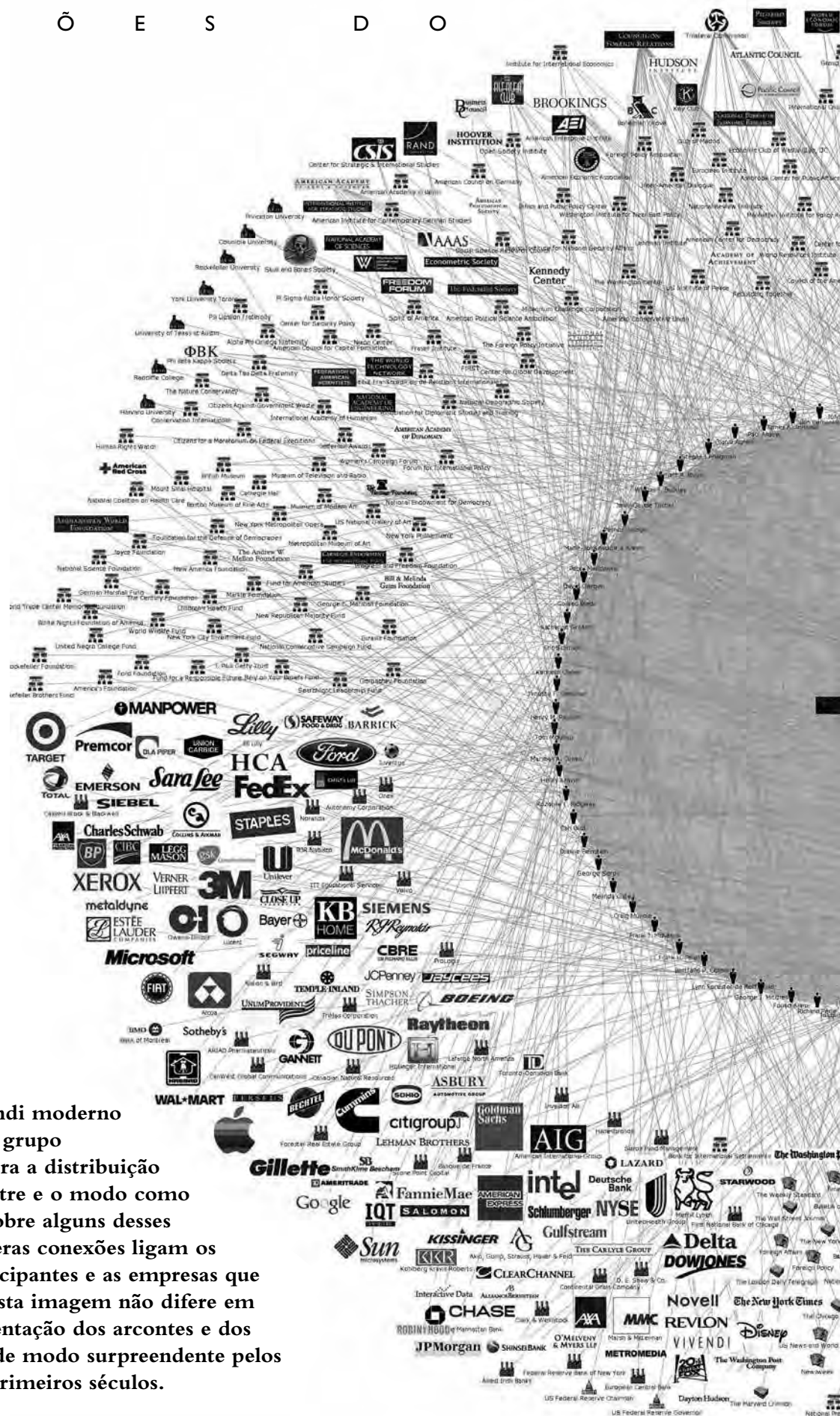
Se você vive nessa nova consciência em crescimento, muda por completo, porque gradualmente a nova alma passa a iluminar e guiar todo o seu sistema corporal. Aí há espaço para verdadeira alegria e renovação. Dessa nova consciência se desenvolve real amor e compaixão pelo próximo. Sua condição abre-se de maneira totalmente diferente para seu próximo quanto a respeito, compreensão: o outro também traz dentro de si

a mesma semente que se desenvolve em mim. Isso ajuda você a ser sempre mais devotado e a suportar suas mudanças interiores. Você compreende: “Eu te amo, ó Eterno, e te recebo. Aprendi a conhecer-te quando a Luz me tocou”.

Agora, essa renovação está sempre em seus pensamentos e a seu redor. Você desperta e adormece com ela e, cheio de gratidão, se inclina diante dessa beleza que cresce em você. Mas continua a viver a vida terrestre comum até o fim natural.

Em você e ao seu redor, a nova alma desperta irradia, e nela você se dissolve enquanto ela retorna a seu reino: o eterno, divino lar ✪





Este mapa-múndi moderno proveniente do grupo Bilderberg ilustra a distribuição do poder terrestre e o modo como ele se assenta sobre alguns desses poderes. Inúmeras conexões ligam os principais participantes e as empresas que eles dirigem. Esta imagem não difere em nada da representação dos arcontes e dos éons descritos de modo surpreendente pelos gnósticos dos primeiros séculos.

os sete cursos do tempo

Às vezes ouvimos dizer que, atualmente, vivemos uma espécie de aceleração do tempo, principalmente devido à necessidade de se concluir muito mais tarefas num determinado período de tempo, como se tudo tivesse de ser executado duas vezes mais rápido. Nossa existência prisioneira, desse fenômeno, submete-se a ele nos menores detalhes. O tempo voa, ultrapassa-nos, arrastando com ele o passado. Quando pousamos o olhar além do nosso cotidiano, vemos um desfile de mundos abraçando numerosos séculos condenados a ser engolidos, mais cedo ou mais tarde. E a humanidade segue o mesmo curso.



Do ponto de vista filosófico-esotérico, esse curso através do tempo ocorre no ritmo dos períodos, épocas e revoluções de milhões de anos, todos múltiplos de sete: sete períodos e épocas, sete regiões cósmicas, o cosmos terrestre sétuplo, o macrocosmo sétuplo, o corpo solar sétuplo, o microcosmo sétuplo, a inspiração e a expiração sétuplas do Espírito, provenientes do Todo-um, o criador.

Em tudo que ocorre no Universo inteiro, em tudo que é criado e destruído ao longo de períodos que ultrapassam nosso entendimento, podemos detectar a presença do criador infinito. Correntes de substância original, ondas de campos astrais eletromagnéticos atravessam o espaço para inevitavelmente atingir sua meta, portadoras de consequências radicais e desenvolvimentos subsequentes. Quatro séculos atrás, os rosa-cruzes clássicos já afirmavam: “Não há espaço vazio”.

Sabemos que o Universo está repleto de campos electromagnéticos, de constelações astrais e oceanos de átomos. Assim como o movimento do eixo da Terra é determinado pelo eletromagnetismo do sol, toda a vida em nossa natureza é determinada pelas ondas de átomos provenientes do Universo. O movimento de rotação da Terra conduz nosso

planeta e toda vida que o habita através de períodos de milhões de anos.

O homem pensa ser, porque ele pensa. Como Descartes disse: “Penso, logo existo”. Todavia, nos éons da criação, ele é apenas um flash. Nosso pensamento limitado é inteiramente prisioneiro do mundo que lhe é próprio, e o resultado é uma consciência isolada e de fato solitária. A ciência tenta romper esta situação de várias maneiras. Os geólogos cavam a terra para estudar formas fossilizadas ao longo de milhões de anos. Os arqueólogos desenterram vestígios de civilizações extintas, as quais esperam poder evocar com sua mente. Os biólogos tentam desvendar e se apropriar do segredo da vida, mediante experiências que causam sofrimento extremo a animais nos laboratórios. Eles manipulam genes e cromossomos e analisam o DNA, a árvore da vida segundo a visão moderna. Perscrutando o espaço insondável, os astrônomos observam o percurso de incontáveis sistemas estelares, suas estrelas e seus planetas. Devido à lei da dialética, eles sabem que o nosso sol se apagará em cerca de cinco a seis bilhões de anos e que a vida em nosso planeta deixará de existir: este é, de fato, o destino de toda a vida apanhada pelo tempo na matéria. Como em uma visão, o olho de nossa mente vê no espaço infinito o primeiro início de toda a matéria surgir do caos como um raio. No caos do Universo imaterial, nasce uma nova ordem em virtude de um plano divino. Essa ordem

Vermelho Veneziano. Escultura de filamentos,

© Liz Hager, 2008



corresponde ao construtor divino, ao arquiteto, ao *tecton* do Universo. Lao Tsé diz dele: “Antes que céu e terra existissem havia um ser Indefinido”. Como é maravilhoso mostrar assim o segredo do Criador infinito. E Lao Tsé prossegue: “Ele se mantém só, em si mesmo, e não se modifica. Não sei seu nome”.

Hermes Trismegisto também tenta expressar a causa de todas as coisas, com estas palavras: “Deus não é a razão, mas o fundamento dela; não é o alento, mas o fundamento dele, não é a luz, mas o fundamento dela. Entenda: Deus é o que não pode ser descrito”.

No entanto, para muitos a simples palavra “Deus” tornou-se uma miragem. Durante séculos, a religião oficial impunha a invocação de Deus, ser insondável que deveria cuidar de cada criatura, particularmente de seus sofrimentos e preocupações. No entanto, Lao Tsé diz: “Não sei seu nome”. As escolas espirituais que visam a transfiguração sempre se referiram ao Deus interior como centelha do espírito, princípio de vida primordial e fundamental. Uma centelha do espírito, um núcleo emanado do espírito, o ser indefinido que existia antes do aparecimento do céu e da terra. Esse verdadeiro



centro vital do homem é um núcleo que não pode ser encontrado pelo mais afiado bisturi nem medido pelo mais sutil instrumento. No entanto, hoje, esse centro de vida está despertando em muitos homens sob o efeito de um novo alento espiritual, um impulso proveniente da “metade desconhecida do mundo”. A palavra “espírito” religa-nos à energia primordial de toda a vida. Ela pode ser traduzida ou entendida de formas diferentes: ar em movimento, vento, sopro. Os gnósticos dos três primeiros séculos usaram o termo *pneuma*, que significa tanto “sopro” como “espírito”. O alento, a respiração, ca-

O caminho do segredo sétuplo de Isabella Lillas Trotter (1853-1928), que viveu e trabalhou em Londres e Argel. Ela era uma mulher de grande talento artístico e literário e de grande força de fé interior, que exprimia com igual vigor no trabalho concreto. Isabella Trotter escreveu vários livros e também os ilustrou: *as Parábolas da Cruz*, *as Parábolas da vida de Cristo*, bem como um livro dedicado a seus amigos sufis argelinos, *O caminho do segredo sétuplo*, representado aqui ao lado

racterizam a vida, daí a expressão “alento de vida”. A filosofia hindu fala de *maha-atma*, o grande sopro da vida. O espírito é um fogo. Ele é o alento ígneo do Criador único. Esse fogo divino que age na natureza universal é o sopro ardente que desperta o princípio original divino no homem.

Nos mitos antigos, fala-se do trigo sagrado trazido para a terra pelos dragões da sabedoria, também chamados de “filhos do fogo”, “servos do espírito” ou “servos do fogo celestial. Esses mitos antigos transmitem o propósito e plano do céu, da terra e do homem. Este, em tempos imemoriais, surgiu na Terra num caminho sem fim. Assim, no passado distante, o trigo divino misturou-se à natureza terrestre. Ele estava destinado a se fundir no fogo do espírito, durante o período de colheita da criação. Sete raças, sete rondas, sete períodos, assim como o átomo original sétuplo, a rosa de sete pétalas, o cristal refletor perfeito.

O HOMEM TERRESTRE E O HOMEM CELESTE

Antes da existência do céu e da terra, um ser vago pré-existia. O microcosmo, do qual foi gerado o homem-espírito sétuplo: o dançari-

É um ouvir falar, desde a mais tenra idade, sobre o grande milagre que, com base na rosa, pode realizar-se

no, o tocador da lira divina de sete cordas, o compositor de uma música surgida de ritmos e partituras do espírito sétuplo. O microcosmo sétuplo, nascido da matriz do sétuplo corpo solar.

Então, o homem terrestre foi criado, portador do átomo sétuplo original, o grão de trigo divino, a jóia preciosa, a promessa sétupla. Assim, o homem traz em si o início e o fim dos tempos, a temporalidade e a promessa de eternidade, mas esta corre o risco de se perder. Também os grandes mestres-terapeutas do Universo tentam salvá-la de uma morte prematura. É por essa promessa que o fogo do espírito foi aceso. Inúmeros têm se referido a essa promessa na esperança de um dia ter acesso ao campo do espírito planetário onde foram semeados como sementes divinas, para a manifestação do verdadeiro homem. No entanto, pouco levada em conta, essa promessa permanece atualmente oculta no homem.

A história da criação do mundo e da humanidade, desde o início até hoje, compreende sete capítulos. No entanto, o sétimo capítulo ainda não foi escrito. Pelo simples fato de que cabe a nós fazê-lo. Enquanto não escrever esse sétimo capítulo, o gênero humano continuará participando da escuridão e da ignorância. No interior de nosso próprio microcosmo, podemos aprender sozinhos a escrever este sétimo capítulo? Podemos receber a força, a compreensão, e conseguir concluir a criação sétupla em nós mesmos? Em outras palavras,

como iremos juntos, nós que sabemos ser portadores de centelhas do espírito, preencher a página do sétimo capítulo?

A resposta é que a Escola Espiritual existe para nós, com os seus 12 templos de fogo e seus focos templários espalhados no campo de trabalho mundial, como uma rede nervosa ígnea, um fio cintilante de luz estendido sobre a superfície da Terra, lançado para a colheita.

Na Cabala, o número sete está ligado ao significado de templo concluído. Além disso, no tratado simbólico *O livro das sete chaves*, sete é o número da vitória sobre a matéria. Na construção sétupla da Escola Espiritual, esse simbolismo é uma realidade tanto espiritual quanto material.

ESPELHO DOS MISTÉRIOS De forma poética, J. van Rijckenborgh e Catharose de Petri escreveram: “A rosa-do-coração, o átomo primordial, é um mistério maravilhoso. Ela é como um espelho, o espelho dos mistérios. Quando o aluno se decide a trilhar sua via-crucis das rosas, o caminho da transfiguração, o botão de rosa desabrocha nos cálidos raios do sol gnóstico”.

Esse mistério sublime é a base para a libertação da alma vivente imperecível no caminho da rosa. É um privilégio ouvir falar, desde a mais tenra idade, sobre o grande milagre que, com base na rosa, pode realizar-se, e saber que o homem de luz original pode renascer da centelha original do espíri-

to. É importante refletir, ouvir e falar sobre isso em conjunto. Examinar atentamente esse tema impede de sermos absorvidos pela vida cotidiana, tal como ela se desenrola, levando-nos a uma completa massificação. Durante a educação escolar, ensinamentos são gravados até a saturação em nossa mente, para adquirirmos um lugar em uma sociedade praticamente desprovida de valores e conceitos espirituais. No entanto, nossa vida deve satisfazer a uma finalidade específica: permitir o nascimento do homem de luz no microcosmo. Para isso, devemos manter o coração aberto ao chamado da Luz. Para quem se esforça e permanece fiel, o sublime mistério refletido no coração revelará os caminhos interiores que levam a um encontro consciente com a Luz. Na escola da Rosacruz, podemos seguir um aprendizado guiado pelo Espírito: seu grande alento, o turbilhão de radiações do Espírito, sopra no Átrio da Escola Espiritual. Aquele em quem se desencadeia a tempestade do Espírito, como em Cristão Rosa-Cruz na noite da véspera de Páscoa, pode penetrar os mistérios da vida espiritual.

UM QUINTO ÉTER Quando o turbilhão do espírito atinge o centro da alma, uma transformação toma lugar até o renascimento em um novo campo eletromagnético espiritual, que envolve o aluno como uma nuvem. Essa substância primordial, essa nova força de vida manifesta-se como quinto éter liberado

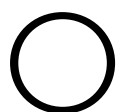
do aspecto superior do corpo-vivo da Escola. Chamado de éter-ígneo, ou éter da alma, esse maná de vida desce continuamente sobre nossa comunidade, como um novo pão de vida para a alma. Esse corpo-vivo pode tornar-se o lar espiritual de quem nele realmente deseja viver. Ele penetra, como aluno, na câmara dos tesouros da Luz.

“A senda ao cimo
do monte vai ter!
Se o fiel peregrino
mantém a coragem
e segue viagem,
ele enfim vencerá.”

Visto do interior, o caminho serpenteia até os cumes mais altos da montanha do Espírito. As primeiras jóias, os poderes preciosos, inativos e não utilizados no microcosmo durante tão longo tempo, tornam-se acessíveis novamente. Agora, o sétimo capítulo encontra seu epílogo no campo de criação do microcosmo. O Caminho das Estrelas abre-se como um arco-íris esmeralda. Ele conduz às alturas infinitas da vida da alma-espírito ☸

o caminho da alma para livar-se do medo

Nossa história pessoal, criada com base em nossa identidade e na importância que damos a nós mesmos, dá um sentido ao medo. Porém, é sinal de inteligência abandonar essa história – aliás, justificada – de maneira que possa ser criado um espaço para um estado de alma que está além das causas do medo. Desligados de valores exteriores, tornamo-nos seres humanos abertos à inspiração e podemos respirar em uma realidade espiritual.



S SENTIMENTOS

Sabemos que o homem possui dois estados de alma que são o prolongamento um do outro: os sentimentos e as emoções. No que se refere aos sentimentos, o mundo ocidental possui para eles nada menos que cento e vinte e sete definições. Experimentamos os sentimentos e podemos exercer um controle relativo sobre eles reforçando-os ou enfraquecendo-os quando, por exemplo, estamos curiosos, otimistas, nervosos ou desencorajados. Podemos, também, ter sentimentos diferentes ao mesmo tempo, como, por exemplo, estar curiosos e tensos diante de algo novo. Com relação às emoções, porém, é diferente. As emoções nos possuem. Elas são muito menos numerosas, porém, bem mais fortes. Se, por exemplo, tristeza, abatimento, amargura ou medo, a característica de tais emoções é que podemos sentir apenas uma de cada vez, e exercemos pouco ou nenhum controle sobre elas. Em suma, temos sentimentos, contudo, as emoções nos possuem.

MEDO Quando se fala de “medo”, está claro que esta é uma emoção que nos pode dominar inteiramente. A palavra “emoção” vem do latim *emovere* e significa literalmente: pôr em movimento.

Os cientistas descobriram que as emoções não dependem tanto do sistema sensorial quanto do sistema límbico (nosso sistema autônomo) no cérebro que, já em tempos pré-históricos, controlavam os instintos pri-

mários. Podemos sentir dois tipos de medo. Primeiro, existe o medo útil, que nos faz fugir quando um cão raivoso escapa da coleira. Neste caso, trata-se de uma emoção oportuna. Portanto, não é de se admirar que ela tenha surgido tão cedo no desenvolvimento do homem quando, em lugar de um cão, um tigre-dentes-de-sabre podia precipitar-se de uma moita. E existe o medo, a preocupação, a inquietude em relação a todas as coisas que, na vida, estão prestes a não acontecer como desejaríamos. Trata-se de um tipo de instinto de sobrevivência do ego, numa luta contínua e convulsiva com este mundo. Está claro que esta segunda forma de medo pode constituir um obstáculo considerável para o aluno, pois ela o torna fechado e voltado para si mesmo e produz um efeito inverso à abertura e à espontaneidade necessárias ao desenvolvimento da alma.

O medo surge devido a uma perturbação do ego, da personalidade voltada para a terra, num mundo onde as pessoas sabem, em seu íntimo, que nada é permanente, que tudo perece. O resultado é o sentimento fundamental de inquietação, de ameaça contínua e de incerteza quanto ao futuro. Incerteza que se expressa como: “Será que estou no caminho certo? Será que outros não são mais felizes ou melhores do que eu? O que será do amanhã? Terei o suficiente para viver como desejo?”

Lua descendo no alto dos cumes de Fairplay, Colorado. © shelby mcquilkinn



O caminho para uma respiração que traz a paz

No livro *O Nuctemeron*, J. van Rijckenborgh dá-nos algumas indicações. Ele diz: “Uma purificação e uma ordenação gerais das várias tensões e radiações magnéticas deverão ocorrer nos vários órgãos e esferas do microcosmo. Portanto, devemos dizer que sempre surgem outras relações magnéticas em um microcosmo quando certas tensões magnéticas importunas e prejudiciais ao ser humano são descobertas, desatadas e dissolvidas. Alguns lutam

AUTOSSEGURANÇA E SEPARAÇÃO Desse sentimento decorrem ações e esforços tendo em vista adquirir certa segurança em forma de aposentadorias, rendas, seguros, de aumento de bens, de proteção do território e até mesmo de sua expansão. Mas com tudo isso o homem cria uma ameaça para “minha visão de mundo, meu direito e minha felicidade”. Essa visão do mundo, do modo como a sociedade e a vida deveriam ser e todas as conexões engendradas com os que partilham ou ameaçam essas convicções, tudo isso tem consequências bem mais profundas do que possamos imaginar.

Registrado no sistema magnético do ser aural, essa visão provém do inteiro passado do microcosmo ao qual o homem está ligado. E a soma do passado microcósmico fala sempre através do sistema magnético do cérebro.

Por isso, cada homem se esforça, por meio de seu ego, para manter sua posição nesta natureza e dar toda atenção à realização de seu mundo e sua felicidade, com base em suas próprias necessidades terrestres. Assim surgem inevitavelmente os medos e suas consequências diretas: uma luta contínua, incessante, expressa ou muito sutil. Por mais incrível que isso possa parecer, o ego se nutre dessa luta adquirindo justificativas e razão de ser: ele se torna importante, ganha identidade. Não é, pois, de admirar que, às vezes, tenhamos pensamentos e sentimentos ligados a uma situação negativa sem poder eliminá-los.

INCERTEZA E ENDURA O aluno que se decide pelo caminho da endura, mediante a total au-

torrendição, engendra de imediato um medo existencial bastante tangível. E não poderia ser de outro modo. O ego teme perder sua importância no sistema. Esse medo ancestral deve ser vencido pelo aluno que quer abandonar-se a esse imenso espaço gnóstico que o pequeno ego considera como o Nada absoluto e que para a alma é o Todo.

Esse medo ancestral faz que o ego resista e lute com unhas e dentes, bem como com todo seu intelecto, contra aquilo que ele considera uma rendição ridícula a algo cujo fim parece bastante incerto e que ele não pode conhecer, nem explorar, nem apreciar de antemão.

A esse respeito, o medo é mau conselheiro no caminho da endura. Assim, surge a questão: na condição de aluno, como devemos comportar-nos diante de todos esses medos? Como evitar a paralisação que eles provocam? Como escapar de todas as tensões que se acumulam em nosso cérebro devido ao estado do microcosmo, as quais, interior e exteriormente, causam uma luta incessante?

O CORAÇÃO COMO INSTRUMENTO Medo, preocupação, temor e insegurança surgem da importância e da identidade atribuídas ao ego, tendo o pensamento como instrumento. Encará-lo somente é possível em outro nível, o da alma, sendo o coração o seu instrumento. O medo é uma forma de energia inferior – uma energia que necessita de uma força considerável. O medo é, em realidade, uma das extremidades de uma alavanca de energia em nosso ser. A

desesperadamente contra essas inclinações, mas o ser humano é obrigado a obedecê-las. Há apenas uma solução para o imenso conflito de consciência: desenvolver forças magnéticas novas e diferentes no campo de respiração. Realizais isso mediante fé inabalável, aspiração intensa e dedicação ininterrupta. Se conseguis, o grande campo de respiração mudará para vós. Então já não assimilareis seu veneno, mas inalareis apenas o que serve para vossa paz e saúde e vossa respiração modificar-se-á”.

Não se trata, portanto, de lutar contra as tensões e os medos que se apresentam, mas de buscar a solução num grau muito mais elevado. A luta contra os medos que se manifestam é, de fato, algo inútil. A solução para o problema encontra-se em outro nível. Aceitemos, pois, a ideia de que o medo é uma emoção inerente a cada homem terreno. Não devemos negá-lo nem condená-lo, nem tampouco lutar contra ele, pois isso seria inútil. Devemos aceitá-lo e considerá-lo com mansidão. A mansidão é a coragem absoluta que nada força, mas que decorre de um estado interior.

outra extremidade dessa alavanca de energia é o amor. Deixemos o amor crescer, e o medo se esvai. Os botões de comando dessa alavanca de energia são nossas aspirações e nossa confiança. Desse modo, a despeito das tensões, criamos espaço e energia de alma em torno das tensões do ego; harmonizamos-nos e depositamos nossas emoções amordaçadoras e dominantes na taça áurea da luz do coração.

O medo e a insegurança perdem então grande parte de sua energia e influência: eles já não nos dominam nem têm poder sobre nós. E há ainda outra ajuda em face do medo, da preocupação e do temor: despojar a situação de seu sentido. Toda situação tem apenas o significado que nós mesmos lhe damos. E assim, nós sempre criamos nossa própria realidade. O que nos acontece ou nos inquieta é simplesmente uma situação, um fato, um acontecimento. Retiremos sua importância, e nada restará senão o fato objetivo, sem afetação. Não deixemos, pois, o ego transformá-lo em uma tragédia, em uma história de como o passado deveria ter sido ou de como gostaríamos que o futuro fosse. Porque o ego tem necessidade dessa tragédia autoproduzida para justificar sua existência e dar-lhe importância; ele precisa disso para sobreviver. Se não há importância, não há tragédia. Sem tragédia não há resistência. Sem resistência não há energia errada. Sem energia errada não há inquietação. Sem inquietação, resta apenas uma atenção profunda e silenciosa da alma.

Na atenção profunda e silenciosa da alma, o aluno experimenta um desejo intenso por outra

coisa, por uma vida nova. Nesta, a tensão criada por nossa angústia interior, que se manifesta mediante a preocupação, a inquietude e o medo do ego, pode agora tomar uma direção totalmente diferente, e fornecer a energia necessária para alcançar o objetivo. Assim, a inquietude do ego é um bom sinal, ainda que cause desconforto, porque revela uma força de oposição proveniente do interior e coloca a alavanca de energia na posição “amor”. O outro lado de nosso medo – e que ao mesmo tempo representa a saída – é quádruplo:

1. nossa rendição à alma,
2. nossa aceitação incondicional da insignificância do mundo horizontal,
3. nossa ausência de julgamento, e
4. ousar entrar no círculo de nossa ignorância e impotência.

Então, como alunos, passamos do pensamento para a consciência – do ego para a alma.

NÃO NOS PREOCUPEMOS Para concluir, queremos transmitir o que J. van Rijckenborgh escreveu em *A Luz do mundo*, como uma promessa e uma imagem muito mais vasta, que pode auxiliar a nos libertar de todo medo inútil e restritivo. Ele escreve: “Conheceis a palavra: não vos preocupeis com o dia de amanhã. Trata-se aqui da ação de uma lei divina que prevalece em todas as regiões da matéria e do Espírito. É uma lei divina tão poderosa, tão sublime e dinâmica que ela se manifesta, tal como um relâmpago, até mesmo em um mundo de ateísmo e de negação a Deus. Tão

Encarei meu medo, e ele



O lago © Dion McDermott

logo uma entidade se torne consciente no cosmo, isto é, tão logo a centelha espiritual central nela se manifeste, e ela, com base nessa consciência, atice a centelha para que esta se transforme em chama e, em colaboração com seus irmãos e irmãs, mantenha aceso o fogo do plano de amor de Deus e o conduza a seu

objetivo, então tudo de que ela necessita para sua manutenção ou para a continuação de sua tarefa será inteiramente providenciado, não importa em que momento seja. Portanto, preocupar-vos com isso ou com aquilo é extrema falta de inteligência. Vossa presença no cosmo tem como consequência vosso amparo. Essa é a

era tão-somente o que eu temera



lei, essa é a ordem! O Pai celeste conhece suas necessidades onde quer que ele esteja. Não se trata de uma lenda edificante. O fato de que tudo na natureza terrestre é compelido à inquietação e à preocupação deve fazer o aluno compreender que ele perdeu o rumo. O Sermão da Montanha é muito claro aqui: *Buscai*

em primeiro lugar o reino de Deus e sua justiça – isto é, preocupai-vos com o mundo original – e todas essas coisas vos serão acrescentadas. Não se trata aqui de ‘atear fogo aos navios’, lançar-se em meio a incertezas. É mais uma questão de trocar um barco a remos por um transatlântico. Quando um verdadeiro trabalho espiritual é levado avante neste mundo, o que se necessita flui de todos os lados.

A todos os que sobem a montanha do Espírito é dito:

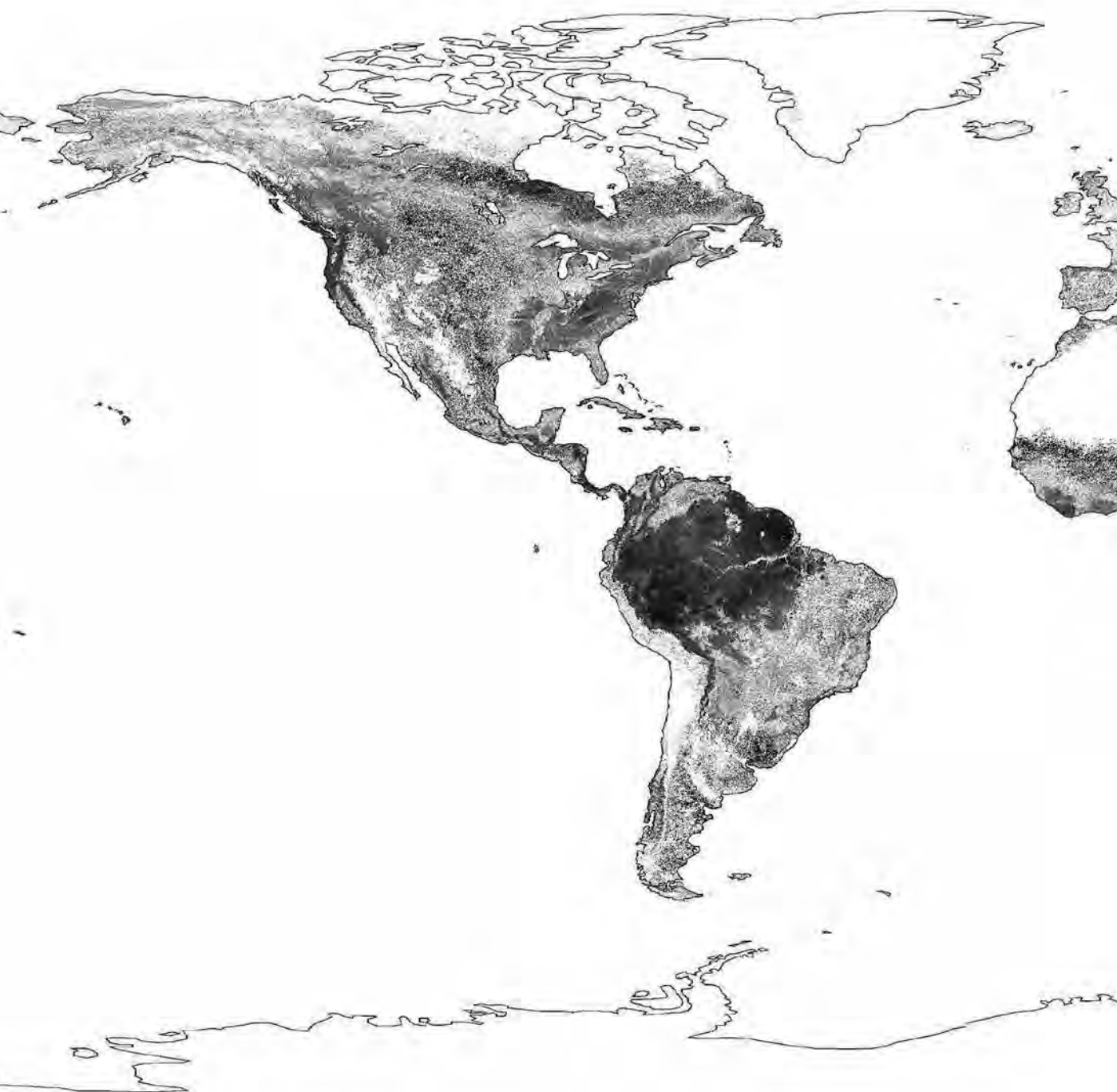
Perdei vossa vontade pessoal, não vos preocupeis com o desenvolvimento de vossa vida, com as forças e os valores espirituais de que podereis precisar no caminho, pois trata-se da vida mesma, da vida da renovação. Expulsai de vosso ser todo esse egoísmo e medo refinados. Buscai o reino de Deus e sua justiça. Cumpri a lei do amor, a exemplo de Cristo, e o restante virá por si mesmo, pois é o cumprimento de uma lei evidente”.

Encarei meu medo, e ele era tão-somente o que eu temera.

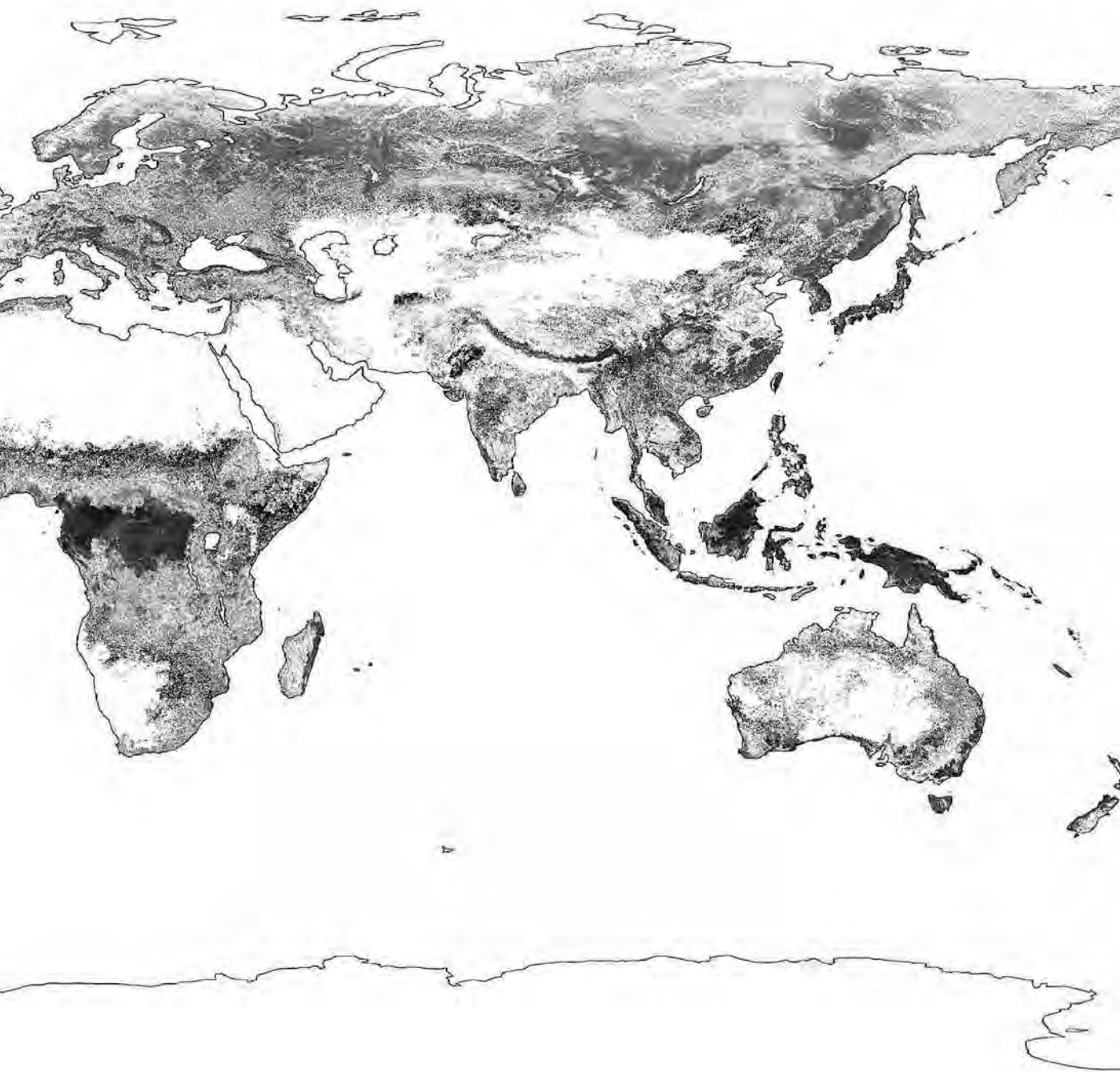
Ele era apenas uma forma inflada, porém sem substância real, coberta com vestes negras e pardacentas, que se retorciam como restos de não saber e não poder.

Coloquei-os numa taça de ouro em meu coração e sacrifiquei-os ao grande espaço que tudo envolve.

E o Grande Espaço transformou esses restos em sabedoria e poder ✨



Este mapa dos “pulmões da Terra” mostra como está o crescimento das árvores quanto à sua distribuição por todo o planeta. No mundo ocidental, densamente povoado, já não se vê grandes florestas (na imagem, quanto mais escuro, mais altas são as árvores). A inspiração de um ar mais limpo – de um campo de respiração mais puro! – é da maior importância, tanto em nível macrocósmico quanto em nível microcósmico. Por isso, esses instantâneos tirados pela NASA são indispensáveis para monitorar o crescimento ou a perda de florestas.





sete visões para um caminho espiritual

Em 1946 surgiu das mãos de J. van Rijckenborgh o livro *Dei Gloria Intacta*. Esse livro, que ele havia escrito durante a guerra, trazia como subtítulo “O mistério iniciático cristão da sagrada Rosacruz para a nova era”.

Durante um serviço templário em Haarlem, ele havia abordado diferentes aspectos tratados nesse livro e, de fato, a obra dá o tom para um processo de desenvolvimento completamente novo para a Escola Espiritual.

Anteriormente, os dois fundadores do Lectorium Rosicrucianum, J. van Rijckenborgh e Catharose de Petri, haviam percebido em espírito e aceitado como missão o fato de que a Escola deveria estar apta a tornar-se uma escola de mistérios gnóstico-cristã sétupla, que colocaria seus alunos sobre a base do estado auto-libertador e em ligação com as forças e energias do ser humano original e do campo de vida ao qual ele pertence.

O primeiro capítulo do livro – Orientação – estabelece uma base que atrai a atenção do leitor para os múltiplos caminhos que já existiram na senda espiritual, mas que, muito frequentemente, não conseguiram alcançar o objetivo proposto ao leitor e ao buscador.

É por essa razão que o autor, na introdução, oferece uma explicação clara das sete autoiniciações possíveis e aonde os resultados levarão a partir do momento em que o ser humano começa a percorrer o caminho de transfiguração.

Essa introdução detalhada é seguida de profundas revelações que dizem respeito ao caminho de vida autolibertador do homem que aborda a “outra vida”.

Para desenvolver seu texto, o autor toma como ponto de partida o Apocalipse de João, o personagem central, recebe a missão de dirigir-se às sete comunidades da Ásia.

Durante os anos sombrios da guerra, J. van Rijckenborgh indagou-se qual seria o significado desse livro misterioso que é o encerramento da Bíblia.

Enquanto refletia sobre esses aspectos, passava por momentos de profundo silêncio interior. Sobre esse assunto, ele escreve:

“Será que os que me guiam estão tentando me fazer compreender alguma coisa? Será que gostariam de me esclarecer algo? E, de repente, compreendo, com grande clareza, essa linguagem silenciosa do Espírito, com a qual os Grandes sempre falam comigo.

Cada religião, desde a fundação do mundo, tem seu ‘texto dos mistérios’, um testamento espiritual a serviço dos que estão no campo de força e que, no sentido mais amplo do termo, estão neste mundo, mas não pertencem a este mundo. Em minha opinião, um texto como este fazia falta ao cristianismo e, por

APRESENTAÇÃO DO LIVRO *DEI GLORIA INTACTA*

isso, tínhamos de nos contentar com escrituras clássicas dos iniciados, a palavra revelada de segunda mão.”

“As revelações são dadas aos homens libertos, iluminados, que correspondem a certas condições e se encontram em um determinado estado espiritualizado.” [...] “A revelação quer dizer ‘graça’; a profecia, ‘julgamento’.”

O título *Dei Gloria Intacta* é uma das expressões que os irmãos da Ordem da Rosa-Cruz encontraram no túmulo de Cristão Rosa-Cruz, e significa “a glória de Deus é intangível”, ou seja, intocável e intocada, portanto, perfeita. Nesse livro, podemos ler: “Ásia chama imediatamente a atenção para o Logos tríplice e sua ordem, seu mundo, no qual as verdadeiras

almas residem, e ao qual pertence, igualmente, a personalidade celeste adormecida e esvaziada. Esse sublime ser tríplice, ‘que é, que era e que há de vir’, emite em cada concentração de substância primordial na qual quer demonstrar sua majestade, seu amor e sua força, ‘sete correntes de forças dinâmicas que estão diante de seu trono’. Correspondendo a essas sete forças, há igualmente sete estados de desenvolvimento espiritual, sete grupos e sete degraus de influências espirituais manifestando-se através do nome de Ásia, a tríplice divindade. [...] Ora, esse mesmo João, em sua luta, se dirige às sete igrejas que estão na Ásia”.

Essas sete comunidades fazem parte da Ásia: elas fazem parte da humanidade que está

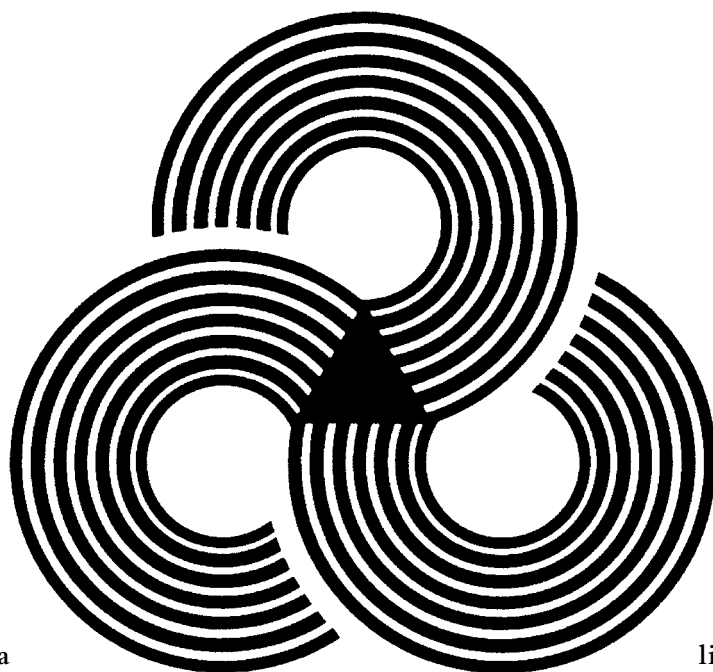
• Restam à humanidade do mencionado trigésimo terceiro período, da época ariana, cerca de 700 anos apenas. Durante esses 700 anos será constituído um tipo de homem totalmente novo que abandonará gradualmente a forma mortal desta natureza terrestre e residirá na personalidade celeste. Esse processo de transmutação da personalidade se desenvolverá, também, com diferentes transformações de natureza geológica, magnética e atmosférica, fora e dentro de nossa Mãe Terra. Sobretudo as modificações das condições atmosféricas e magnéticas, que já se fazem sentir fracamente agora, serão particularmente fatais para a humanidade atual. A porção da humanidade que não puder se adaptar estruturalmente a essas mudanças e não estiver em condição de construir a nova personalidade seguirá uma linha

de desenvolvimento degenerativo e desaparecerá, finalmente, em sangue e morte. A outra parte, aquela que se encontra ocupada em se renovar, perderá cada vez mais o contato com a outra que se cristaliza, e uma separação definitiva porá fim a esse estado de coisas. O novo tipo humano constituirá a “colheita” do 33º período.

• O homem, cujo ideal fragmentário se quebrou contra o duro granito da realidade, torna-se maduro para uma revolução espiritual. A aurora dessa revolução espiritual já nos alcançou e a humanidade encontra-se atualmente nas dores do nascimento de uma época absolutamente nova. Pelo sofrimento, morte e caos, certa fração da humanidade é preparada para tornar-se a colheita futura.

madura para uma renovação com base no espírito humano central. O autor quer demonstrar que o processo de mudança renovadora no homem, orientado pela energia de Cristo, é um caminho de iniciação de dimensão cósmica.

O processo de renascimento do corpo, da alma e do espírito desenvolve-se em três fases, simbolizadas pelos três círculos sêtu-
plos, ligados às sete esferas planetárias. Assim



nasce essa consciência celeste tão particular, essa figura ador-
mecida, que, no entanto, “é”.

Na sequência, o livro nos conduz, passo a passo, pelos diversos círculos sêtu-
plos que, na senda, circundam a montanha do espírito. Essa obra tem a particularidade de ser sempre atual, pois, à medida que a consciência se amplia, seu significado se revela diante do olhar interior, em uma perspectiva cada vez mais vasta.

A razão de o santo mistério ter sido até aqui guardado e encoberto deve-se ao fato de que a humanidade, embora houvesse alcançado o nadir da materialidade segundo a sua manifestação terrestre, ainda não se chocara completamente e em número suficiente com o obstáculo que a natureza terrestre representa. Essas condições agora se concretizaram e ocasionaram muitas reações cósmicas. O período de crise já começou e os véus estão sendo afastados.

- No período em que ingressamos, os corpos celestes deverão ser despertados e os candidatos aos novos mistérios deverão ser capazes de “se mover na luz de Deus” com o auxílio desses veículos imperecíveis.

Para fazer surgir o homem celeste, em primeiro lugar se faz necessária uma mudança fundamental, a negação básica do velho eu. Não se trata de negligenciar a personalidade terrestre, nem a indispensável vida terrestre. Contudo, temos de organizar as diferentes bases de nossa vida de tal maneira que disso resulte um comportamento de vida capaz de promover o verdadeiro objetivo do renascimento. A morte diária significa a desagregação progressiva da consciência biológica, a extinção da autoconservação e de todos os desejos inferiores e especulativos.

- O candidato deve celebrar essa despedida da natureza movido por uma necessidade imperiosa de assim fazê-lo, pois a renúncia mística em relação ao

Em todos os livros de J. van Rijckenborgh a senda gnóstica é o tema central e sempre é apresentada como um ensinamento libertador. A atualidade desse livro reside no fato de os aspectos que permitem reencontrar o divino no homem serem sempre os mesmos. O ponto de partida é invariavelmente a centelha intangível presente no ser humano. Ela ainda emite um brilho cálido em muitas pessoas e guarda viva a reminiscência de um estado áureo perdido, a qual jamais abandona o coração. Foi graças à publicação desse livro prodigioso que a Rosa-Cruz gnóstico-cristã dos tempos atuais pôde manifestar-se plenamente no mundo. Nesse livro, o buscador encontra um caminho interior e espiritual no qual poderá acender os

sete candelabros, ou seja, sete novos estados de consciência.

O autor J. van Rijckenborgh estava preenchido de grande amor pela humanidade. No pungente epílogo do mencionado livro ele descreve o grande sofrimento mundial e reconhece que este é muito mais abrangente e profundo que o sofrimento causado pela Segunda Guerra Mundial. E ele olha para uma nova aurora que já pode ser percebida no horizonte da marcha da humanidade. Um fluxo incessante de revelações gnósticas e herméticas surge após anos de trabalho dos grão-mestres: os ensinamentos da sabedoria universal de todos os tempos, a Luz da fonte universal quase tangível que imediatamente toca o leitor ✨

mundo se lhe tornou uma necessidade interior. Chegando a esse ponto, a mudança fundamental pode ser aplicada com êxito e o resultado evidenciar-se-á. Então vem a iluminação, a transfiguração mística, a descida da radiação crística, e desse momento em diante o candidato vive da posse interior de Cristo, que assume a direção de sua vida.

- Segui a paz com todos, e a santificação.
- Cristianismo é a iluminação e a reconciliação com a idéia original e com o estado original do gênero humano primordial, o reino dos céus.
- Se o homem quiser responder ao apelo da Luz, se quiser subir a escada de Deus, deverá fazê-lo come-

çando pelo primeiro degrau, portanto, de baixo para cima, através do vínculo sanguíneo de Cristo com o campo de vida material. Ao aceitar o caminho da cruz, a natureza mortal, a personalidade terrestre, torna-se um portal para o espírito, para a ressurreição do corpo celeste.

O testamento espiritual cristão irradia, em incomparável glória, no Apocalipse de João.

As revelações são dadas aos homens libertos, iluminados, que correspondem a certas condições e se encontram em determinado estado espiritualizado.

Os selos, as cartas, as trombetas e as visões somente podem existir para o leitor a partir do momento em que as vibrações da graça lhe iluminem o íntimo do ser.



Um mundo em miniatura – um microcosmo. Uma rosa congelada sob o gelo do frio mental e do “pensamento terreno aguçado ao extremo” simboliza um mundo dedicado a Deus, a vida original que pode desabrochar no interior do homem.



Em sonho cheguei a uma grande cidade
cujo palácio é a rosa, rosa.
A coroa e o trono do grande sultão,
seus jardins e espaços
eram a rosa, rosa.

Ali eles compram e vendem rosas,
e rosas apenas, rosas de valor.
Ali são pesadas rosas, cada vez mais rosas
e o mercado e as lojas
são as rosas, rosas.

A rosa branca e a rosa vermelha
crescem juntas num só jardim.
Se seus rostos tocam um espinho,
tanto o espinho como a flor
são a rosa, rosa.

Solo é a rosa, e pedra é a rosa,
uma rosa murcha, uma recém colhida.
O plátano e o esbelto cipreste
plantados nos belos jardins do senhor
são a rosa, rosa.

A rosa gira a roda d'água
e mói entre as pedras.
Assim como a água flui,
a roda gira, e a força e o silêncio
são a rosa, rosa.

Da rosa vejo uma tenda
onde tudo é ofertado.
Santos são os profetas, seus porteiros.
O pão e o vinho que nos oferecem
são a rosa, rosa.

Ó Ummi Sinan, ouve, então,
a tristeza do rouxinol e da rosa.
Cada grito do solitário rouxinol
é para a rosa, a rosa.

Ummi Sinan, (Yoesef Ibrahim), ca.1563-1657

No *Bundashin*, o Livro da Primeira Criação, da cosmologia de Zaratustra, lemos o seguinte:

“Está desvelado que, desde tempos imemoriais, Ahura-Mazda (o criador incriado) reside nas alturas, adornado com onisciência e bondade, cercado de luz. Essa luz é o lugar e a morada de Ahura-Mazda. Alguns a denominam luz infinita. Essa onisciência e bondade formam a veste de Ahura-Mazda. Alguns a chamam de religião... O tempo da veste é infinito, pois a bondade e a religião do criador incriado durarão tanto tempo quanto Ahura Mazda.”

Henri Corbin diz em seu livro *O tempo cíclico e a Gnosis de Ismail*, que o *Bundashin* é um compêndio da doutrina de Zaratustra e Ahura-Mazda, escrito em pálvavi, uma das línguas do persa médio do primeiro milênio. Esse compêndio, que data do século 4 de nossa era, contém certo número de perguntas que todos os persas com idade superior a quinze anos deveriam saber responder. As primeiras perguntas são as seguintes:

“Quem sou eu e a que lugar pertenço? De onde venho e para onde vou? Qual é a minha filiação e a que raça pertenço? Qual é a minha missão nesta existência terrena? ... Venho do mundo celeste ou foi no mundo terreno que comecei a existir? Pertencerei a Ahura-Mazda ou a Arimã? Faço parte dos anjos ou dos demônios?”

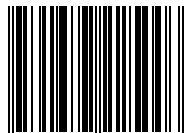
E aqui estão as respostas:

“Venho do mundo celeste. Não foi no mundo terreno que comecei a existir. Meu estado original é espiritual; meu estado original não é terreno.

Pertenço a Ahura-Mazda, o Senhor da Sabedoria, não a Arimã (o espírito da separação e das trevas). Pertenço aos anjos, não aos demônios... Sou uma criatura de Ahura-Mazda, não uma criatura de Arimã. Minha raça e minha ascendência remontam ao homem original (*anthropos*). Minha mãe é Spandarmat, o anjo da terra, meu pai é Ahura-Mazda... Cumprir minha missão é aprender que Ahura-Mazda é hoje, que ele sempre foi e sempre será. É aprender a vê-lo como imortalmente sublime e perpetuamente puro. E aprender que Arimã é a pura negatividade que exaure a si mesmo e retorna ao nada, vê-lo como espírito da separação (o mal), que antes não existia nesta criação e que, um dia, deixará de existir na criação de Ahura-Mazda, e no fim dos tempos desaparecerá. É considerar que meu ser verdadeiro pertence a Ahura-Mazda e aos arcanjos”.



ISSN 1677-2253



9 771677 225003

R\$ 16,00

